

S. PAULO: 700 MIL OPERÁRIOS EM LUTA POR AUMENTO

Unem-se sindicatos e federações exigindo maiores salários, revisão do salário mínimo e medidas contra a carência da vida (Texto na Pág. Central)

VOZ OPERÁRIA

No. 490 ★ RIO de JANEIRO, 25 de OUTUBRO de 1958



Morreu o Papa — Quem Será

O Papa ?

(Leia na pag. 2)

TRABALHADORES CARIOCAS Reivindicam Melhores Salários

Milhares de trabalhadores cariocas estão em campanhas por aumento de salários e pela revisão do salário-mínimo

(Leia reportagem na 10a. pág.)

Não se Realizou a "Marcha da Produção"

Planejada para o dia 18, não se realizou afinal a «Marcha da Produção». Tropas do Exército ocuparam as estradas que ligam o Norte do Paraná a São Paulo, impedindo assim que se deslocassem as colunas de manifestantes, que pretendiam chegar até o Catete. A intervenção de forças federais, devida à iniciativa do ministro Lucas Lopes, foi reprovada pela opinião pública como uma violação dos direitos constitucionais. Ao mesmo tempo, porém, os trabalhadores e o povo condenam a «Marcha da Produção» como um movimento de inspiração abertamente golpista e a serviço de objetivos anticonstitucionais. (Texto na 4ª pág.)



Thorez Define a Posição dos Comunistas em Face a De Gaulle

(Leia na Página 5)

CHATEAUBRIAND FALA SOBRE A TCHECOSLOVÁQUIA SOCIALISTA

(Leia na Pág. 5)

O Programa do Ministro Lucas Lopes

(LEIA COMENTARIO NA 4a. Página)

Leia

OS PARTIDOS E A CÂMARA DEPOIS DAS ELEIÇÕES

Leia na Pag. Central

PREÇO do Exemplar

3⁰⁰

MORREU O PAPÁ — QUEM SERÁ O PAPA?

Com a morte de Pio XII, teve ser eleito, dentro das próximas horas, o seu substituto na chefia da Igreja Católica. A hora em que estivermos circulando, estará reunido o concílio dos cardeais, em Roma, para a eleição do novo papa. Mais de 50 cardeais de diversos países católicos de diversos países católicos.

Como é natural, as cogitações em torno do substituto de Pio XII são inúmeras desde o dia do desaparecimento de Eugênio Pacelli. Ninguém ignora que a Igreja Católica é uma força e sua influência política é enorme em grande parte do mundo, sobretudo nos países de origem latina. Daí também o interesse, indiscutivelmente político, na escolha do seu supremo pontífice.

A ida a Roma de personalidades políticas como o Ministro do Exterior da Alemanha Ocidental, von Brentano (embora na Alemanha a religião predominante seja a protestante), ou Foster Dulles, o chanceler americano (embora os Estados Unidos tenham uma pequena minoria de católicos), revela quanto grande o empenho dos governos do mundo capitalista na escolha do novo papa.

O chefe da Igreja Católica, como o chefe de qualquer corpo coletivo, manifesta as tendências desta ou daquela corrente, deste ou daquele grupo que nos assuntos mundiais mantém esta ou aquela atitude em relação a estes assuntos. E a Igreja Católica tem inegável influência nos problemas mundiais, sobretudo em determinados países. É claro que Dulles ou von Bientano preferem seja eleito papa um homem mais reacionário e que melhor oriente seus fiéis de acordo com os objetivos da política imperialista. A essa política muitas vezes serviu a Pio XII, ainda quando de outras vezes tenha traduzido os anseios de paz dos povos, ao condenar a bomba atômica,

por exemplo, Pio XII jamais teve uma atitude imparcial entre os países capitalistas e os países socialistas; ao contrário, seu anticomunismo contribuiu grandemente para favorecer as tramas agressivas das potências imperialistas em relação à URSS, China e democracias populares e, portanto, para aguar a tensão mundial. Agora mesmo, vemos na Hungria o cardeal Mindzenty fazer o jogo anticomunista e antisoviético dos americanos. Refugiado na embaixada dos Estados Unidos, em Budapeste, condenado por sua participação direta na criminoso sublevação que em 1956 tentou restaurar o capitalismo naquele país, Mindzenty tem o cinismo de solicitar salvo-conduto para ir ao Vaticano votar na eleição do novo papa. E a imprensa reacionária mundial alardeia que o governo húngaro não lhe permite sair do país. Em nenhum país do mundo um criminoso condenado pela justiça por crime grave contra o povo pode ter a regalia pretendida pela embaixada americana para Mindzenty.

É diante de fatos como este — em que altos clérigos católicos aparecem de braços dados à reação e ao imperialismo — que milhões de católicos que não concordam com este comportamento fazem votos para que seja eleito o papa de espírito aberto em nossa época: de profundas e amplas transformações sociais; um chefe da Igreja Católica que seja um incondicional defensor da paz em todo o mundo; um sacerdote inconciliável com a manutenção do colonialismo.

Sendo a Igreja Católica essa força que reconhecemos, não apenas os católicos, mas todos os homens que amam a paz, desejam que a escolha do substituto de Pio XII se faça sem injunções políticas, sem atender às inevitáveis pressões dos dirigentes da política das potências imperialistas.

Crônica Internacional

A RETIRADA DAS FÔRÇAS AMERICANAS CONDIÇÃO PARA A PAZ NO ORIENTE

Novos episódios ocorridos esta semana contribuíram para manter a chamada "questão de Formosa" (Taiwan) em primeiro plano na ordem do dia internacional. Reiniciou-se o canhoneio de Quemói pelas forças do Exército Popular de Libertação na China. Dulles foi a Taipé conferenciando com o marionete dos Estados Unidos, Chiang Kai-shek.

A viagem de Dulles não oferece perspectivas pacíficas. De há muito o chefe da diplomacia norte-americana fez profissão de fé bélica e age conseqüentemente neste sentido. Foi ele o instigador da guerra na Coreia em 1949. Foi ele o conselheiro da invasão recente do Líbano pelas tropas norte-americanas. É ele o principal responsável pela política de "guerra fria", que tem impedido a consolidação da paz mundial e mantido o aguçamento da situação internacional.

Antes de embarcar, Dulles não deixou dúvida de intenção dos Estados Unidos de continuarem intervindo nos assuntos internos do povo chinês. Pretende ele arvorar-se em árbitro da política no Extremo Oriente e, neste momento, de uma questão puramente interna entre chineses. Dulles pretende transformar a guerra civil chinesa, da qual há nove anos resta apenas o foco de Taiwan, alimentado pelos Estados Unidos, num conflito de proporções mais amplas, talvez mundiais.

Nos últimos dias ficou absolutamente evidente que a chamada "questão de Formosa" pode ser resolvida entre os próprios chineses. O governo da República Popular da China, numa demonstração de boa vontade que despertou simpatia em todo o mundo, suspendeu o canhoneio contra Quemói durante uma semana; prorrogou em seguida a suspensão por duas semanas. Uma das condições para a trégua era que os navios de guerra americanos não combinassem os cargueiros procedentes de Taiwan que iam abastecer

Quemói. No entanto, num verdadeiro ato de provocação, após a segunda semana de trégua, navios de guerra dos Estados Unidos voltaram a navegar nas águas territoriais chinesas. Conforme havia advertido Pequim, o canhoneio de Quemói reiniciou-se imediatamente.

Comentaristas internacionais que alimentam a campanha anticomunista sistemática e que procuram servir aos imperialistas americanos, disseram que se trataria de uma "deslealdade" de Pequim. Em primeiro lugar, a trégua não resultaria de qualquer acordo bilateral; fora iniciativa do governo de Pequim para facilitar uma solução pacífica do conflito. Em segundo lugar, os navios americanos violaram realmente as águas territoriais chinesas. Uma correspondente da agência France Press, de Taipé informou: "Nos meios militares americanos não ocultam que o pretexto dado por Pequim para a retomada dos bombardeios não foi inteiramente inventado. Os EE. UU. abriram o flanco a um ataque virulento da China comunista, do qual participaram diretamente das operações de combóio, embora a retirada das forças navais americanas fosse apresentada por Pequim como condição sine qua non para a interrupção do bombardeio".

Quer dizer: os próprios americanos confessam que estão contribuindo para agravar a situação no Extremo Oriente.

A conclusão lógica, portanto, só pode ser uma: as forças armadas norte-americanas devem ser retiradas das ilhas chinesas e do Estreito de Formosa. Que serão obrigadas a fazê-lo um dia, não há dúvida. Se o fizessem agora, dariam uma importante contribuição à paz no Extremo Oriente e ao alívio da tensão internacional. E tanto a paz como o alívio da tensão interessam vitalmente não só aos chineses como a todos os povos do mundo.

DE QUEM A CULPA?

As agências telegráficas americanas e os jornais por elas abastecidos, lançaram uma pedra sobre o «Pioneiro», o foguete que voltou do meio do caminho. Ante o fracasso da experiência e depois do estardalhaço com um suposto êxito inicial, os responsáveis pelas notícias inverídicas espalhadas pelo mundo estão se acusando mutuamente.

A agência United Press Internacional (UPI) informou de Washington que o Ministério da Guerra dos Estados e o comando das forças aéreas reconheceram finalmente que haviam cometido um grave erro histórico quando anunciaram a 11 de outubro que o foguete disparado em direção à Lua, o «Pioneiro», havia ultrapassado a esfera de atração terrestre.

A agência transmitiu textualmente: «Meia hora após o lançamento do foguete do cabo Canaveral (Estado da Flórida) foi entregue à imprensa um comunicado, redigido com antecedência, no qual se afirmava com orgulho que o foguete lunar «tinha passado a zona de atração da Terra». «Nada semelhante aconteceu» — acrescenta a UPI. «Quando a United Press Internacional solicitou fosse esclarecido o motivo deste grave erro, o Pentágono (Ministério da Guerra) respondeu que sua declaração, entregue à imprensa sábado, «constituía uma inexactidão técnica». Assim, as patotas já têm outro nome.

Mas o mais sério é que, ainda segundo a UPI, as informações sobre o foguete lunar foram rigorosamente controladas por Washington; isto é, pelas autoridades supremas norte-americanas.

A realidade é esta: o «Pioneiro» não escapou à atração terrestre. E pelo motivo bem simples de que, para que isto acontecesse, era necessário atingir-se à velocidade de 11.180 metros por segundo. Sua velocidade máxima foi de 10.320 metros por segundo, motivo fundamental do fracasso do «Pioneiro».

Mas, se a UPI divulga estas notícias pela imprensa brasileira, ela não as publica. A causa é simples: o seu sensacionalismo em torno do foguete americano «Lua» é parte integrante dos planos que tratam de apresentar os Estados Unidos à frente da União Soviética, não no terreno científico, mas militar. O foguete lunar, para muita gente, era um instrumento muito mais de guerra do que de ciência. Daí o silêncio tumular que se fez depois do seu fracasso.



Balões Americanos Sobre a URSS — A 11 deste mês, no Ministério do Exterior da União

Soviética, realizou-se uma conferência de imprensa para correspondentes estrangeiros e jornalistas soviéticos. A conferência foi dedicada à denúncia de novos atos de violação do espaço aéreo da URSS por balões lançados pelos norte-americanos. Como se sabe, recentemente um avião militar dos Estados Unidos, partindo de base na Turquia, penetrou profundamente no território soviético (na República da Armênia). Caiu aí e incendiou-se, morrendo todos os tripulantes. Os americanos estão agora utilizando nova tática: balões munidos de aparelhos fotográficos. Na mencionada conferência de imprensa, funcionários do Ministério do Exterior da URSS exibiram os balões e os respectivos aparelhos de que estão dotados para fotografar o território da URSS. Na foto acima (da TASS) vemos jornalistas soviéticos e estrangeiros examinando os balões.

«Os soviéticos compreendem o profundo pesar de cidadãos americanos que perderam seus parentes e amigos. No entanto, não é à União Soviética que devem perguntar por eles. Recomendamos indagar daqueles que ordenaram ao avião americano violasse as fronteiras da União Soviética e penetrasse e somente eles, são responsáveis pela catástrofe com o aparelho, assim como pela sorte dos seus membros da equipagem. Precisamente eles devem responder, aos parentes dos mortos e a toda a sociedade americana, quem lhes deu o direito de tão levianamente brincar com o destino

de pessoas que lhes obedecem, com o destino de sua vida.

«Se o governo americano tomar medidas severas e não admitir quaisquer novas violações por aviões americanos das fronteiras aéreas da URSS, eliminará simultaneamente uma das constantes fontes de aguçamento das relações entre a URSS e os EE. UU. e ao mesmo tempo livrará o governo soviético da necessidade de manter correspondência sobre tais questões».

É o caso de repetir as palavras eleitorais de D. Jaime Câmara: «Intelligenti satis»...

VISITA A U.E.S.S.

A convite do Comitê Central do Partido Comunista da União Soviética, acaba de visitar a URSS uma delegação de antigos membros do Partido Comunista da Tchecoslováquia, veteranos do movimento operário daquele país.

A 8 de outubro chegou a Moscou uma segunda delegação de velhos militantes comunista tchecoslovacos, formada por 34 pessoas. Os delegados visitaram fábricas, usinas, colônias, sovkhoses, escolas, lugares ligados à vida e à atividade de Lênin, monumentos históricos de Moscou e Leningrado.



Violação do Espaço Aéreo — Fonte Permanente de Atritos

Recentemente, mais um avião militar norte-americano penetrou no espaço aéreo da União Soviética, na região da Armênia. Caiu na zona da cidade de Erevan, morrendo os seis membros de sua tripulação. A 3 de outubro, o Ministério do Exterior da URSS comunicou o fato ao embaixador dos Estados Unidos em Moscou.

Embora os Estados Unidos se encontrem a milhares de quilômetros da União Soviética e jamais um avião soviético tenha violado o espaço aéreo dos Estados Unidos, semelhantes incursões por parte dos americanos são comuns. A ponto de os aparelhos americanos se espatifarem em território da URSS.

No entanto, os americanos, desta vez, pretendem que a tripulação de seu avião era maior que o número de cadáveres encontrados: seis.

Depois de uma série de notas de parte a parte, a última divulgada pelo Ministério do Exterior da URSS («Pravda», 18-X) faz as seguintes consi-

derações que têm bastante lógica:

«O governo soviético considera necessário salientar uma vez mais sua exigência de que os aviões americanos cessem, finalmente, as violações das fronteiras aéreas da URSS, do espaço aéreo soviético. O governo tem advertido reiteradamente, e adverte uma vez mais, de que toda a responsabilidade pelas consequências de tais violações recai exclusivamente sobre o governo dos Estados Unidos. Neste sentido, o governo soviético repele decididamente toda tentativa de atribuir a responsabilidade à União Soviética pelo destino dos membros da tripulação do avião sinistrado, assim como pela perda do aparelho.

Plano Contra o Povo

Anda de reatradicações salariais que se levanta por todo o país é um claro indicio de que os trabalhadores continuam a sentir na própria carne os efeitos da política inflacionária.

NÃO faz muitos dias, o ministro Lucas Lopes anunciava uma série de medidas de caráter econômico-financeiro sob o título pomposo de «plano de estabilização monetária». Entre outras coisas, proclama o governo sua intenção de restringir o crédito bancário, eliminar os déficits orçamentários mediante o aumento de impostos, estimular as exportações e limitar as importações. Tudo isso teria o objetivo — expresso no plano — de «permitir, através de um esforço de estabilização monetária, que o desenvolvimento do país se possa realizar em condições de equilíbrio econômico e estabilidade social».

SE examinarmos mais de perto, porém, as receitas salvadoras do homem de confiança dos círculos financeiros internacionais, não podemos nos furtar à conclusão de que os caminhos traçados estão em flagrante divergência com o objetivo a atingir. O que inspira o plano do sr. Lucas Lopes é o desejo de descarregar sobre os ombros das massas trabalhadoras o fardo das dificuldades econômicas que o país atravessa. E ninguém pode acreditar que este seja o rumo acertado para alcançar o «equilíbrio econômico» ou a «estabilidade social».

POR um lado, as medidas adotadas pelo governo conduzem direta e imediatamente à sensível agravação da carestia da vida. Somente o aumento do custo de câmbio importará uma alta de 36% nos preços do trigo, do petróleo e derivados e de outros artigos importados. Alta que se refletirá inevitavelmente, como numa reação em cadeia, nos fretes rodoviários, nos transportes e nos preços dos demais produtos. No mesmo sentido da elevação do custo da vida influirão também os aumentos do imposto de renda e do imposto de consumo, já solicitados pelo governo ao parlamento.

POR outro lado, o chamado plano de estabilização prevê, senão o congelamento total e direto, a contenção forçada dos salários e vencimentos em um nível que não corres-

ponde absolutamente ao aumento do custo da vida. A reclassificação do funcionalismo é protelada para julho de 1959 e o aumento dos vencimentos fixado em 30% apenas, enquanto o governo usa todos os meios ao seu alcance para retardar a aprovação do novo salário mínimo.

ASSIM se torna visível a falsidade do velho argumento de que é o aumento dos salários que gera a alta dos preços. Os preços já estão subindo toda a dia, com a ajuda solícita do governo, enquanto os salários e vencimentos são mantidos sem alteração. Com uma das mãos, o governo eleva o nível dos preços; com a outra, procura impedir a elevação da escala de salários. É evidente que, dentro de alguns meses, quando forem concedidos os aumentos nominais de salários e vencimentos, já o salário real (medido em utilidades e serviços) terá sofrido uma brusca deterioração.

NESTAS circunstâncias, não resta outro caminho aos trabalhadores, aos funcionários, senão o de lançar-se às campanhas salariais, empregando as poderosas armas da organização e da unidade para defender seus interesses vitais e derrotar as manobras antipopulares do governo.

O sr. Juscelino Kubitschek se diz empenhado na luta contra o subdesenvolvimento do país e reclama do povo sacrifícios para que o Brasil possa superar as dificuldades econômicas e financeiras. Os trabalhadores compreendem a situação crítica que o país atravessa e lutam, hoje como sempre, pelo desenvolvimento independente e pelo progresso de sua pátria.

MAS o desenvolvimento econômico do país não pode ser efetivo senão quando traz consigo a elevação do bem-estar, do nível da vida material e cultural dos trabalhadores e do povo. Não pode ter bases sólidas um progresso econômico que se funde no declínio do padrão de vida das massas.

AO defenderem seu nível de vida contra os planos suspeitos do sr. Lucas Lopes, os trabalhadores estão assegurando condições necessárias ao desenvolvimento do país e cumprem, portanto, um dever patriótico.

O Papa-Defuntos

O sr. Bruzzi de Mendonça, em 1954, com o apoio dos comunistas, foi o terceiro candidato mais votado a deputado federal pelo Rio. Perto de 60 mil eleitores sufragaram-lhe o nome. Agora, no pleito de 3 de outubro, a votação do sr. Bruzzi vai à pela casa dos 600 sufrágios. E, como se vê, um dos candidatos menos votados entre os pretendentes ao Palácio Tiradentes nas diversas legendas. O sr. Bruzzi foi o candidato por quem quebraram lanças o renegado Agildo Barata e os rapazes de «O Nacional». Destino igualmente melancólico tiveram, aliás os candidatos que, em alguns Estados, contaram com a infelicidade de apoio do sr. Agildo.

O renegado Barata não se dá, entretanto, por vencido. Ao contrário, há poucos dias, referindo-se numa roça aos resultados das eleições no Rio, vangloriava-se, como se fosse o vencedor de uma grande batalha:

— Isto prova que não estamos sozinho!

O sr. Bruzzi, porém, é que não se mostra nada eufórico. Cada um é que sabe onde lhe aperta o sapato. No caso, o sapato são os man-

ESTÁ A PALAVRA COM O ITAMARATI

Depois do excepcional sucesso da entrevista concedida por Mao Tse-tung a «O Cruzeiro», essa revista vem de publicar outra entrevista de não menor importância: do Presidente do Conselho de Ministro da URSS, Nikita Kruschiov.

O dinâmico líder soviético responde com grande clareza a uma série de perguntas que lhe dirigiu o jornalista Murilo Marroquim sobre questões do maior interesse para os povos e em particular para o povo brasileiro. Kruschiov define com precisão a situação internacional, salientando os graves perigos decorrentes da política «a beira da guerra» e de «posições de força» aplicada pelos Estados Unidos. Reafirma a posição da União Soviética de estabelecer relações pacíficas com todos os países, afirmando: «Não vemos nenhum obstáculo a um mais

amplo desenvolvimento das relações multilaterais entre os países socialistas e capitalistas».

São palavras que dão confiança aos povos, pois partem do dirigente de uma das grandes potências mundiais. Queremos porém destacar aqui as opiniões de Kruschiov sobre as relações entre a URSS e o Brasil. O líder soviético reafirmou que a ausência de relações entre os nossos países «não se justifica de forma alguma e, pelo contrário, dificulta o desenvolvimento de relações econômicas, comerciais e culturais». «Os representantes da URSS e do Brasil — acrescentou Kruschiov — poderiam discutir esse problema e encontrar fórmulas correspondentes de colaboração sobre uma base mutuamente aceitável. Seria possível chegar a um acordo sobre o fornecimento de máquinas e instalações soviéticas, sobre o envio de especialistas soviéticos ao Brasil, sobre a preparação e ensino de especialistas brasileiros na URSS».

E' de ver-se na Câmara (ontem, quase 60 mil votos) o estado do sr. Bruzzi Mendonça. Abatido, esquivado, macilento o candidato dos 600 sufrágios chega a despertar a piedade de seus atuais colegas.

— Parece um papa-defuntos, comentava um deputado.

Estudos Sociais

O segundo número da revista «Estudos Sociais», que se encontra em circulação, contém matéria de grande interesse para os que estudam os problemas nacionais do ponto-de-vista marxista-leninista.

No artigo intitulado «Política exterior em crises, Jacob Gorder examina o sentido da Operação Pan-Americana e submete à crítica a política externa do governo Kubitschek. Dois importantes estudos econômicos contém este número: um fundamentado trabalho de Moacyr Paz sobre «Capitais estrangeiros — fator limitante do desenvolvimento» e a tradução de um capítulo de recente livro do economista soviético Eugene Varga, no qual é analisada a nova crise de super-produção em curso nos Estados Unidos. Moacyr Werneck de Castro e Rui Facó escrevem dois artigos de crítica literária, o primeiro sobre o novo romance de Dalcídio Jurandir — «Três casas e um rio» — e o segundo sobre o discutido livro do sr. Guimarães Rosa — «Grande sertão: veredas». O artigo do historiador Edison Carneiro sobre «O Partido da Prala» é uma contribuição substancial para a compreensão das raízes sociais da «insurreição prairie» que agitou Pernambuco em meados do século passado. Entre os trabalhos de caráter histórico, situam-se ainda os artigos de Hermínio Linhares — «As greves operárias no Brasil durante o primeiro quartel do século XX»; de Miguel Costa Filho — «O trabalho nas Minas Gerais»; e de Fragon Carlos Borges — «A grande propriedade territorial latifundiária». O cientista Márcio Schenberg escreve uma nota sobre a morte de Joliot-Curie.

A revista publica ainda uma seção de crítica de livros, onde se destaca a nota crítica «O nihilista Otávio Brandão», e uma seção de crítica de revistas.

Tanto pelo seu conteúdo como pela sua moderna e atraente feição gráfica, «Estudos Sociais» se coloca entre as melhores publicações culturais, e constitui uma leitura imprescindível para os intelectuais e os militantes marxistas do Brasil.

Partindo de quem parte, estas declarações são mais do que isso — são uma proposta clara e concreta para que regularizemos um problema que há mais de um decênio está na ordem do dia: as nossas relações com um grande país, uma grande potência, um enorme mercado potencial para os nossos produtos e uma fonte de onde poderemos trazer o que mais necessitamos: máquinas e meios técnicos para o nosso fomento industrial. Se nos lembrarmos que precisamente este capítulo de nossas importações nos custa milhões de dólares, abala a nossa balança comercial, faz com que restrinjamos outras importações e que nas nossas transações com a União Soviética não teremos mais do que permutar produtos de nossa exportação comum, reconheceremos o absurdo que constitui a ausência de relações entre os dois países.

A entrevista de Kruschiov a «O Cruzeiro» é uma nova chance que se nos apresenta. Está com a palavra o governo do sr. Kubitschek e, em particular, o seu órgão de política exterior, o Itamarati.

A Classificação, a Cédula e a Marcha dos Marechais da American Coffee

Entrando em detalhes ou aspectos táticos da Batalha, o pracinha Castilho identificou-se modestamente como «o único inimigo que conseguiu furar o rigoroso bloqueio das estradas». Como assim? Que traças guerreiras ou guerrilheiras teria usado Castilho? Ele mesmo o explica, sem malícia: «Vim camuflado de industrial, de chapéu tipo «gelot», guiando meu velho Oldsmobile 1953».

Revelado o segredo através do qual se pode atravessar linhas inimigas, o único componente da Marcha chegou ao Rio passou à parte política do discurso, procurando apresentar como promotores da Operação Café «fazendeiros, sítiantes e colonos», de «chapéu de palha, camisa de algodão e calça de brim barato», exatamente como aparece, para assistir às sessões do Palácio Tiradentes, o elegantíssimo comerciante de café e banqueiro Herbert Levy, ainda agora reeleito com estrondosa votação na bacanal de fraudes que o austero sr. Jânio Quadros e o virtuoso padre Calazans presidiram em São Paulo.

O Sr. Castilho Cabral, que viveu como político os acontecimentos de 1924, 1930 e 1932 em São Paulo, tem conhecido pendor pelo gênero difícil das profecias políticas. Assim, proclamou, em seu gracioso discurso, a vitória do General Café, sem contudo revelar data.

Quando chegará ao conhecimento do povo a verdade sobre essa história complicada da Marcha do Café, na qual aparecem cobertos de culpa e evidenciando as piores intenções tantos gregos e tantos troianos por vários modos ligados aos marechais da American Coffee?

semana PARLAMENTAR

PAULO MOTTA LIMA

O Plano de Classificação, a Cédula Única, a Marcha da Produção e as Eleições de 3 de Outubro, eis os assuntos que estão preocupando o Parlamento.

Retomou o líder da Maioria, sr. Armando Falcão, a ofensiva contra o Plano. Parece que a corrente política representada pelo ilustre político cearense não se deu por satisfeita com os revezes que o PSD sofreu recentemente nas urnas. E enquanto o sr. Benedito Valadares proclama que não adianta chorar, o sr. Falcão insiste no erro de atirar o Governo e o principal partido governista contra os servidores públicos, vítimas da carestia.

Terça-feira última houve mobilização de funcionários. Acorreram eles ao Palácio Tiradentes, onde deveria ser votado o substitutivo da Comissão Triplíce. Com a morte do sr. Carlos Albuquerque (vítima de violenta intoxicação alimentar) não houve sessão e os funcionários evacuaram as galerias desapontados, para voltar no dia seguinte. Estavam desejosos de verificar «de visu» a atitude de líderes e liderados em torno desse projeto que os maioriais do PSD pretendem dilacerar no Senado, através de emendas.

A cédula única tem sido debatida numa comissão especial «informal», segundo estrangelismo das traduções telegráficas gostosamente adotado em certos setores do sub-intelectualismo pátrio.

Falando sobre o assunto (a cédula e não o «informal»), sr. Nestor Duarte disse coisas sensatas, no plenário, através de seu irrequieto estilo oratório. As inovações no processo de votação devem constituir garantia contra a fraude, mas é

preciso que não sejam criadas dificuldades que aflijam os eleitores menos alfabetizados. A cédula única para senador evidentemente dificultou a votação dos eleitores daquele tipo e tais eleitores constituem, principalmente no interior, maioria imensa. O ideal, observa o sr. Nestor Duarte, é que se encontre um processo que permita, sem muita possibilidade de fraude, a livre escolha do eleitor. Votar é escolher e por isso a lei não deve dificultar a escolha, observou por fim o representante baiano.

Enquanto isso o sr. Abgvar Bastos, proclama que não se deve acreditar em cédula única ou reforma eleitoral sem o voto mecânico. Contra a máquina dos compradores de voto, contra o aparelho da fraude, que os Jânios em São Paulo e os malorais da UDN carioca fizeram tão bem funcionar, o sr. Abgvar Bastos propõe a instalação de conhecidos tipos de máquinas que permitem votação rápida e limpa, além de apuração imediata.

«Senhor Presidente, venho da guerra». Estas palavras foram ditas da tribuna por um cidadão prosaicamente vestido à paisana, muito limpo, rigorosamente barbeado e sem denotar pela fisionomia o mais leve sintoma de estafa. Algum pracinha do Batalhão Suez, carregando um pouco nas tintas? Nada disso. Quem afirmou ter vindo da guerra foi o bacharel Castilho Cabral. Referia-se à Marcha da Produção, versão moderníssima da Batalha de Itararé, em cujo fragor Aporely conquistou o baronato, a valentes pontas de lança gaúcha.

Movimento de Inspiração Golpista a Frustrada «Marcha da Produção»

É necessário distinguir as reivindicações justas, como o financiamento, de exigências antinacionais, como a extinção do confisco cambial — Condenável o emprêgo de forças militares pelo governo — Urge a adoção de medidas positivas para resolver a crise

Não se realizou, afinal, a «Marcha da Produção», que, segundo os desejos de seus organizadores, deveria partir, no dia 18 último, de diferentes municípios do Norte do Paraná, rumo ao Catete. O deslocamento de tropas federais subordinadas à 5a. Região Militar, bloqueando as vias de acesso daquela região, não permitiu que se realizasse o plano elaborado pelos patrocinadores do movimento.

Apesar disso, permanece o clima de agitação no norte paranaense, alimentado pela ameaça de vir a se realizar ainda, a qualquer momento, a «Marcha» enquanto no Parlamento e na imprensa elementos conhecidos por suas posições entreguistas, aproveitam-se da situação criada para insistir na exigência de soluções contrárias aos interesses nacionais e em criar no país um ambiente de inquietação golpista.

UM MOVIMENTO CONDENAVEL

Ninguém pode negar aos fazendeiros de café, como a nenhuma outra coletividade ou aos cidadãos individualmente, o direito de formular reivindicações, dirigindo-se pa-

ra isso aos poderes públicos. São bastante claros, nesse particular, os direitos assegurados na Constituição, e a luta pela sua fiel execução é um dever de todo democrata.

A «Marcha» é apresentada como um movimento reivindicatório, em nome da lavoura cafeeira e dos seus trabalhadores, embora, de acordo com o noticiário dos jornais, não tenha encontrado, na verdade, qualquer apoio sólido entre os colonos, camaradas e peões, sendo sustentada quase exclusivamente pelos grandes fazendeiros e suas entidades representativas.

O reconhecimento do direito que assiste aos cafeicultores de apresentar suas reivindicações e lutar pelo seu atendimento não significa, entretanto, que se deixe de condenar a forma a que recorreram os fazendeiros de café, no seu protesto contra a orientação econômico-financeira do governo. O fato é que a «Marcha» apareceu como um

movimento de inspiração indistintamente golpista, tendo encontrado, desde que começou a ser articulado, a mais ampla cobertura de certos jornais entreguistas por parte de setores políticos que se caracterizam pelos constantes apelos às soluções extra-legais. É verdade que não havia unanimidade entre esses setores, dando-se o caso, por exemplo, de um órgão da mais furiosa reação como o «Estado de São Paulo» condenar a «Marcha», vindo nela, antes de tudo, um perigoso exemplo para os trabalhadores. De modo geral, porém, os círculos entreguistas e reacionários não pouparam aplausos à anunciada demonstração e fizeram dela um pretexto para novas ameaças e exigências antinacionais.

FINANCIAMENTO E CONFISCO CAMBIAL

Outros deveriam ser os meios escolhidos para levar ao governo as reivindicações formuladas em nome dos lavradores de café. Mas, além disso, é necessário distinguir com clareza entre essas reivindicações, não confundindo aqueles que, como o financiamento, são justas e devem ser acatadas pelo governo, com outras exigências, como a extinção do confisco cambial, que satisfazem apenas aos interesses dos trustes imperialistas, dos exportadores e de uma minoria de grandes fazendeiros, constituindo um sério golpe contra o desenvolvimento industrial do país.

As reivindicações de garan-

INTERVENÇÃO MILITAR

Outra também deveria ser a maneira de agir do governo em face do movimento

Relendo a nota sobre o livro de M. C. Calcedanti Proença, No Termo de Culabá, verifico de

pronto que faltou no meu comentário alguma coisa, alguma referência, alguma idéia capaz de melhor transmitir a excelente impressão que me deixou o voluminho. E já que estava às voltas com frases feitas para defini-lo, talvez fosse mais apropriado dizer que ele é como os frascos de bom perfume — pequeno só no tamanho. Com a diferença, bem entendido, que não se trata de nenhum perfume requintado, sutil, perturbador. O perfume aqui é simplesmente cheiro brabo de mato, de bois e cavalos, de peixes e cagas, de índios e vaqueiros, de pescadores e soldados. Mas é um cheiro muito brasileiro, muito característico da vida sertaneja.

Entre outras coisas, eu devia ter acrescentado que No Termo de Culabá, como aliás se desprende do próprio título, cuida apenas de material limitado à região cuiabana, e que isto não só não diminui como ainda lhe empresta maior força de autenticidade. Limitação é aqui sinônimo de concentração, empresta maior força de autenticidade, dispersão desmedida e fantasiosa. Convém mesmo acrescentar que é disso precisamente que mais necessitamos para melhor conhecer as coisas reais existentes em cada canto do imenso Brasil: pequenos livros que nos descrevam e nos mostrem de maneira viva os aspectos diferenciados, os por menores verdadeiros, uma visão realista, sem embelezamentos retóricos, de cada pedaço do território nacional. Monografias, análises, dados concretos, experiências vividas. Generalidades, cartapácios pesados, imensos volumes carregados de frios algarismos ou pejaços de palpitantes com altas pretensões sociológicas — disso tudo estamos fartos.

O que M. Calcedanti Proença nos conta, por exemplo, sobre caçadas e pescarias, miudezas narradas em forma literária de primeira ordem, sem conversa fiada nem brilhaturas para tapear, é uma delícia de se ler e ao mesmo tempo nos instrui com a segurança e a veracidade de quem sabe o

NOTAS sobre LIVROS

* ASTROJILDO PEREIRA *

que escreve. O autor nos fornece, inclusive, um modelo admirável de como escrever

sem correção e bom gosto.

O livro é rico de fatos, casos, episódios, observações, que nos transmitem certos raios da psicologia do nosso maluco, que em geral desconhecemos na cidade. Vale a pena citar um trecho desse sentido:

«Perguntaram certa vez a um caipira, por que plantava milho que não compensa o trabalho — pois o caruncho dá conta dele em pouco tempo — e arroz que dá lucro mínimos. Por que não criava bois, produção rentosa e de mercado certo? E ele se espantou dessa ponto-de-vista, de finindo, na réplica, a mentalidade coletiva do agricultor cuiabano: — «Mas que é que o povo vai comer?»

És um dado para confirmar as observações feitas por Clóvis Galdeira, em artigo recente, acerca do generalizado preconceito que atribui aos camponeses, em qualquer parte e em qualquer tempo, uma irreduzível mentalidade individualista. Aviso aos camaradas que se dedicam a pesquisas sobre a questão agrária no Brasil.

Há igualmente neste livro preciosas informações de caráter folclórico, sendo mesmo um de seus capítulos consagrado ao «cavalinho folclórico». É interessantíssima a descrição da festa da São Jorge em Cuiabá, e ainda mais a das touradas, que se realizavam depois das festas ditas do Divino.

O tema jacaré nos proporciona algumas das páginas mais extraordinárias do livro. Parece que o jacaré é um bicho imortal. Não há pau, nem bala, nem faca que o mate. O autor relata o caso de um jacaré morto a pauladas mais de uma vez, ravingendo horas depois. Por fim, abrimos a barriga do monstro, e lhe retiramos todas as vísceras. Só ficou a casca. «Pois, dá a algum tempo, o jacaré se mexeu, piscou os olhos e se foi, vazio, óco, absurdamente vivo, caminhando na direção do rio».

Mistério da natureza. Mas, leiam o livro — muito há nele que saborear e aprender.

SÓBRE HISTÓRIA DOS PARTIDOS

Acaba de realizar-se em Berlim uma Conferência Internacional de representantes dos Institutos de Marxismo-leninismo, assim como de Institutos e Comissões de história do Partido anexas aos Comitês Centrais dos Partidos Comunistas e Operários.

Um dos pontos debatidos nessa conferência subordinava-se ao tema: «Karl Marx e Friedrich Engels — organizadores e líderes do movimento operário internacional». Sobre ele dissertou o chefe de seção do Instituto Marx-Engels adjunto ao CC do Partido socialista Unificado da Alemanha, L. Arnold.

Despontaram grande interesse as intervenções dos representantes chinês e mongol.

O vice-diretor do Instituto de Marxismo-leninismo adjunto ao CC do PCUS, Chatáguin, fez uma comunicação sobre os preparativos para o lançamento de um novo manual de história do Partido Comunista da União Soviética. Nessa obra ilga-se estreitamente o processo histórico da luta de classes com o papel decisivo das massas populares na Rússia, assim como ao movimento operário e comunista internacional.

Semana Contra a Guerra Atômica

NA ARGENTINA acaba de realizar-se uma «Semana de luta contra a guerra atômica». Os combatentes da paz argentinos, durante essa semana, intensificaram sua oposição à criação do chamado Pacto do Atlântico Sul e a todo compromisso militar entre a Argentina e os Estados Unidos.

VIDA ECONÔMICA

Elaborou o governo um assim chamado Plano de Estabilização Monetária, já apresentado em reunião de «alto nível» no Catete, devendo ser objeto de próxima discussão no Parlamento. O Plano ainda não é conhecido em detalhe, mas apenas em suas linhas gerais, expostas pelo ministro Lucas Lopes. Estas linhas gerais coincidem com as tendências que o atual ministro da Fazenda vem manifestando na execução da política econômico-financeira do governo.

Estas tendências se resumem em tentar vencer as dificuldades presentes, que se agravam seriamente, através de processos tradicionais sem tomar por caminhos novos que poderiam significar, com a superação das atuais dificuldades, um notável passo à frente no desenvolvimento da economia nacional. A primeira característica daqueles processos tradicionais consiste em fazer que as massas suportem a maior parte do ônus das medidas governamentais, pagando por uma situação em que elas já são as maiores sacrificadas. Daí as advertências do ministro Lucas Lopes a respeito da reclassificação do funcionalismo e do aumento do salário mínimo. Considera que a primeira dessas medidas não deve vigorar antes de julho do ano vindouro e que a elevação dos vencimentos não deve superar o teto geral de 30%. O aumento do salário mínimo também deveria ser adotado na mesma época e igualmente em bases de grande «prudência». Condena assim, o ministro da Fazenda aquelas que vivem de salários e ordenados a aguardar mais dez meses um

O Programa do Ministro Lucas Lopes

aumento que, então, será decididamente mesquinho. Para o ministro da Fazenda, os salários e vencimentos precisam sofrer um congelamento prolongado, enquanto os preços se elevem em ritmos os mais velozes, mesmo para os padrões brasileiros. Assim é que a revista «Desenvolvimento e Conjuntura», em sua edição de setembro, assinala: «A vigorar o ritmo que os preços experimentaram até julho, é de crer que a elevação deles este ano se aproxime dos valores recordes atingidos em anos próximos passados.» As recentes instruções da SUMOC deram novo impulso à elevação dos preços, como já se pode observar no caso do pão e da farinha de trigo. Até julho do ano próximo, enquanto salários e vencimentos permanecerem congelados, o senhor Lucas Lopes se propõe fazer certamente outros «ajustamentos» cambiais e lançar em circulação novos jactos de papel-moeda (o saldo do papel-moeda emitido até agora já supera os 110 bilhões de cruzeiros). Dificilmente poderão as massas trabalhadoras aceitar sem protesto uma política econômico-financeira que as sacrifica de modo tão brutal.

Durante a discussão do Programa de Estabilização Monetária no Parlamento, cumpre manifestar a maior vigilância sobre outra tendência, que se manifesta na orientação do ministro da Fazenda: a de tentar o combate à inflação por meios de desenvolvimento da economia nacional. Nada mais justo, na conjuntura atual, do que realizar esforços com o objetivo de atingir ao equilíbrio orçamentário. O que

de surpresa, pois há muitos meses já vinha sendo prometida a famosa «Marcha da Produção». A iniciativa do sr. Lucas Lopes, pedindo ao ministro da Guerra o emprêgo de força militar para impedir essa manifestação de protesto, não pode encontrar o

apoio e a simpatia da opinião pública. Trata-se, de qualquer forma, de uma espalhafatosa demonstração de força, que fere os direitos democráticos inscritos na Constituição e por isso mesmo, não pode ser de modo algum justificada.

SOLUÇÃO NECESSÁRIA PARA O PROBLEMA DO CAFÉ

O agravamento do problema cafeeiro, de que a frustrada «Marcha da Produção» é um indicio evidente, mostra quanto é urgente a adoção de medidas por parte do governo, capazes de remover as enormes dificuldades atualmente enfrentadas pelos cafeicultores e sanear a economia cafeeira.

Do lado do atendimento a reivindicações como o financiamento e a fixação de preço mínimo, levantadas pela massa de produtores, urge que o governo, em lugar de seguir pelo perigoso caminho das concessões, iniciado pelo sr. Lucas Lopes, ponha em

prática as medidas positivas e urgentes reclamadas pelo movimento nacionalista e por todos os patriotas interessados no desenvolvimento independente e progressista do país. Algumas dessas medidas, em que temos particularmente insistido, são: o intercâmbio comercial com os países socialistas; medidas visando um acordo entre os produtores para o controle da produção mundial de café; intensificação da propaganda da rubiáca no exterior, particularmente na Europa e na Ásia; aumento do consumo interno do café, com a redução de seu preço no varejo.

não é admissível, porém, do ponto-de-vista dos interesses nacionais e, em especial, das massas populares, é que o equilíbrio orçamentário seja alcançado à custa da oneração dos impostos indiretos, que recaem sobre os consumidores, e à custa da paralisação de obras estatais de interesse para o progresso econômico do país. O mesmo diz respeito ao controle seletivo do crédito bancário, que pode se tornar instrumento perigoso de política antidesenvolvimentista, convertendo o combate à inflação em algo tão mau como a própria inflação ou pior do que ela.

O Programa de Estabilização Monetária, que o governo anuncia, pode significar, por conseguinte, um passo para trás, ao invés de ser aquele passo à frente que as forças mais progressistas da sociedade brasileira reivindicam. E que consistiria nas primeiras medidas de uma política marcadamente nacionalista que, ao invés de sacrificar as massas trabalhadoras e os interesses do desenvolvimento independente da economia nacional, deveria golpear a exploração imperialista. Medidas como a suspensão ou, pelo menos, a limitação rigorosa da remessa de rendimentos e amortizações de capital estrangeiro, o que reduziria de imediato a sangria permanente a que está submetido o nosso balanço de pagamentos. E medidas ainda como a abertura audaciosa de novos correntes para o comércio exterior, em primeiro lugar com o imenso mercado socialista, que é atualmente o mais próspero do mundo.



Maurice Thorez

THOREZ PRECISA A POSIÇÃO DOS COMUNISTAS EM FACE A DE GAULLE

- ★ Importante Entrevista do Líder Comunista Francês
- ★ Poderão Ser Recuperados Muitos dos Que Votaram «Sim» no Plebiscito
- ★ «Os Marxistas se Recusam a Opor a Reforma à Revolução»

O semanário francês «L' Express» publicou, na semana passada, uma entrevista com o secretário geral do Partido Comunista Francês Maurice Thorez. Damos a seguir os principais trechos dessa entrevista.

PERGUNTA — Quais, na sua opinião, as razões por que um grande número de comunistas não seguiu as indicações do Partido?

RESPOSTA — Para responder com exatidão a esta pergunta, desejo recordar que os eleitores comunistas não estão separados por uma muralha chinesa do resto da população e que as pressões de toda sorte que são exercidas não podem deixar de ter seus efeitos sobre eles, como sobre os outros.

Os eleitores comunistas que não seguiram as indicações do Partido tinham, como muitos trabalhadores e republicanos que votaram «Sim», um desejo de mudança. Eles se mostraram sensíveis aos argumentos demagógicos que lançavam sobre as instituições toda a origem do mal. Não vlam que estas instituições tinham sido falseadas por políticos esquecidos de seus deveres para com os eleitores e que organizavam sempre um governo de direita quando os eleitores tinham votado com a esquerda.

Esses eleitores comunistas, como os demais, não viram que as mudanças não podiam ser feitas pelo recurso a um homem providencial, a um salvador supremo, mas através da aplicação resoluta dos princípios democráticos, pela melhoria constante das instituições republicanas.

É provável também que uma parte dos eleitores tenham cedido à chantagem da guerra civil.

Não podemos ocultar tampouco que havia muitas ilusões em relação ao problema da Argélia. É inteiramente claro que nosso povo aspira à paz na Argélia. Muitos acreditavam que o general de Gaulle traria a paz, que aplicaria uma política diferente da dos governos anteriores. E assim juntaram suas cédulas «Sim» às dos colonialistas.

Finalmente, uma parte dos eleitores comunistas, sem dúvida alguma, sofreu os efeitos da ausência persistente de união entre os republicanos, a falta de acordo sobre uma plataforma comum objetivando uma ação comum na campanha do referendun.

PERGUNTA — A campanha do Partido Comunista no referendun apresentou o general de Gaulle como um

fascista. Não julga que esta campanha foi um erro?

RESPOSTA — Não é verdade que tenhamos apresentado o general de Gaulle como um fascista.

Em nenhum documento do Comitê Central, em nenhum de meus artigos ou discursos, poderéis encontrar o epíteto de «fascista» junto ao nome do general de Gaulle.

Mostramos e continuamos a mostrar que as forças que chegaram ao Poder são as mais reacionárias; que o regime implantado na Argélia tem características fascistas; que é este o regime que os Comitês de Salvação e seus militantes querem estender à França.

PERGUNTA — Acreditais que um certo número de eleitores comunistas que votaram «Sim» no referendun sufragarão de novo os comunistas nas próximas eleições?

RESPOSTA — Creio que os resultados das próximas eleições serão diferentes do plebiscito de 28 de setembro. Isto tanto para nós como para os outros.

Naturalmente a maneira como se faz o escrutínio pode influir sobre os resultados. A expressão do sufrágio universal pode ser desfigurada por um escrutínio uninominal, pelo escrutínio dos «mares estagnantes», ca-

Reconhecimento do Governo da Guiné

O governo francês continua protelando o reconhecimento jurídico do governo da ex-colônia francesa da Guiné, transformado em Estado soberano por vontade de seu povo no plebiscito de 28 de setembro.

O chefe do governo da Guiné já solicitou mais de uma vez o reconhecimento do governo francês. Mas de Gaulle responde que a França precisa antes «conhecer as intenções» do governo do novo Estado.

Entretanto, a Guiné já foi reconhecida pela União Soviética, República Popular da China, República Árabe Unida, Marrocos, Tunísia, República da Argélia, Etiópia, República Democrática do Viet-Nam e pelas democracias populares da Europa.

vez de romper as grandes correntes, enquanto o proporcional permite sua manifestação e dá às diferentes forças sociais sua parcela equitativa de representação.

PERGUNTA — Na vossa opinião, os eleitores que votaram com os comunistas depois da Libertação votam com um estado de espírito de reivindicação e de defesa de seus interesses imediatos, ou porque sonham com o advento de uma sociedade comunista na França?

RESPOSTA — A pergunta é bastante engraçada. Opõe as reivindicações à aspiração de uma vida melhor. Para nós, evidentemente, ambas as coisas estão interligadas.

A aspiração ao socialismo, à organização na França de uma sociedade comunista, é inseparável das reivindicações operárias. Resulta da condição mesma de classe explorada, que é justamente a da classe operária no regime capitalista.

Na medida em que lutam por suas reivindicações, pelo progresso social, os trabalhadores ganham consciência de que devem abolir não somente os efeitos, mas a própria causa, que está no regime capitalista.

Além disso, para estes eleitores, a classe operária é portadora de grandes esperanças de renovação nacional. Eles não esquecem que as classes dirigentes talharam muitas vezes ao dever para com a nação e «e sem seu conjunto, como escreve Mauriac, a classe operária permaneceu fiel à França profanada».

PERGUNTA — Na vossa opinião, a evolução da sociedade francesa para o socialismo pode fazer-se através de uma política progressiva de reformas que os comunistas estarão prontos a apoiar, de preferência a uma transformação revolucionária?

RESPOSTA — Os autênticos marxistas se recusam a opor a reforma à revolução. Eles lutaram sempre em favor de reformas e apoiam sem vacilação reformas preconizadas e aplicadas por outros. Toda a história do movimento operário o comprova.

Mas, o que consideramos justo é que a transformação revolucionária não pode ser resultado mecânico de uma soma de reformas; ela representa forçosamente a transição de uma sociedade a outra.

Contrariamente à lenda interessada, alimentada pe-

las classes no poder, a transformação revolucionária não significa necessariamente o recurso à violência.

A transformação revolucionária que acreditamos necessária significa a posse pelo povo dos meios fundamentais de produção e de troca. O estabelecimento da propriedade social sobre os meios de produção porá termo à contradição da sociedade atual: a contradição entre o trabalho das massas privadas de propriedade e o capital, que açambarca as riquezas sociais.

PERGUNTA — Acreditais que o Partido Comunista será pôsto fora da lei?

RESPOSTA — É verdade que alguns senhores pensam em proibir o Partido Comunista, porque ele constitui um poderoso obstáculo à sua política. Não esqueçamos de que anteriormente já o fizeram, e o resultado foi o crescimento da autoridade de nosso Partido.

Se a França tomar este caminho, isto significará a implantação do fascismo. Todos os republicanos sabem que isto não será senão o prelúdio de outras proibições, de outras perseguições.

PERGUNTA — Se não ocorrer nenhum acordo foi possí-

vel entre os comunistas e outras organizações de esquerda por uma política comum, por que julga que semelhante acordo será realizável de futuro?

RESPOSTA — Criou-se uma situação nova. A França conhece um regime autoritário, o que acarreta ameaças evidentes e muito sérias às liberdades democráticas, e aos direitos dos trabalhadores.

Não é possível que, ante estes fatos, tirando no entanto as necessárias lições da dura experiência do 28 de setembro, as forças republicanas não se unam.

De nossa parte, não pouparemos esforços em favor da unidade de ação das forças operárias e democráticas, condição para a salvação comum e para uma República renovada.

O PCF e as Eleições

Iniciou-se a 22 de outubro um Pleno do Comitê Central do Partido Comunista Francês. Ordem do dia: Preparativos para as próximas eleições ao parlamento. O informe sobre esta questão foi feito por um membro do Biro Político do CC do PCF, Valdek Rochet.

O Testemunho do sr. Chateaubriand

«Nos últimos anos a República Popular da Tchecoslováquia adquiriu um nível enorme de prosperidade»

O sr. Assis Chateaubriand publicou em sua cadeia de jornais associados uma série de artigos sobre sua recente viagem à Tchecoslováquia. Era sobejamente conhecida a posição do sr. Chateaubriand em relação aos países do campo socialista, sobretudo a União Soviética: a posição de um anti-comunista sistemático. Mais ainda: durante muito tempo o jornalista hoje diplomata não admitia de forma alguma relações com aqueles países.

Mas, diz o povo, o tempo é o melhor mestre. Em face às crescentes dificuldades que enfrenta o nosso país no terreno do comércio externo, o sr. Chateaubriand consultou o Itamarati e o Ministro Lucas Lopes sobre a conveniência ou não de uma visita sua à Tchecoslováquia. Concorde com ele. E o sr. Chateaubriand foi. Passou cinco dias na Tchecoslováquia.

Antes de viajar, porém, (é ele próprio quem o confessa agora) seus «amigos ingleses e franceses» empenharam todos os esforços para dissuadi-lo da visita. «Não, não faça esta viagem. É uma armadilha que lhe fazem pela sua atitude em face do regime comunista. Desista de idéia tão desparatada. Um jornalista da sua atividade, conhecido pelo espírito militante contra a Rússia, não tem o direito de se arriscar, como vai fazê-lo agora, para colocar a sua pessoa e a sua liberdade à mercê do inimigo». «Era esta — continua Chateaubriand — a língua-

«Os pregoeiros da má sorte, que nos anunciaram catástrofes e calamidades, foram ultrapassados»

provas de cortesia... Ao cabo de três dias, não tive desejo de ver um soldado russo nas ruas de Praga. Dispensam-nos povo e autoridades uma atenção que só nos faz lembrar que estamos no Brasil, particularmente no Brasil».

A conclusão desse artigo de Chateaubriand merece ser lido: «Os pregoeiros da má sorte, que nos anunciaram catástrofes e calamidades, foram ultrapassados». Quer dizer: o sr. Chateaubriand confessa ter sido iludido por seus amigos. Reconhece e se conclui de seu relato que estes lhe mentiram clinicamente. A realidade é que o sr. Chateaubriand não encontrou a «cortina de ferro» de que tanto fala a propaganda ocidental, inclusive seus jornais e rádios.

Além disso, o sr. Chateaubriand confirma em seus artigos as notícias já divulgadas anteriormente pelas agências telegráficas de sua esta-

da na Tchecoslováquia (VOZ OPERÁRIA, 18.X.58). São enormes as possibilidades de ampliação de nosso comércio com aquela República socialista. Depois de referir-se ao progresso do país, ao bom nível de vida de seu povo («Nos últimos anos a Tchecoslováquia adquiriu um nível enorme de prosperidade. Basta olhar o povo nas ruas para verificar que este povo adquiriu padrões de abundância, em matéria de comestíveis e bens industriais, como infelizmente não ostentam Argentina e Brasil»), acrescenta o embaixador brasileiro em Londres: «Pois ouçam lá: a Tchecoslováquia quer vinte toneladas de sisal, e contra ele, café e cacau e outros artigos, nos entrega os seus maquinismos agrícolas. A nossa Campanha de Aviação está morta... Pois ouçam lá: a Tchecoslováquia nos entregará 500, 600, 700 aviões de treinamento contra café, que temos sem bebedores».

É o caso de dizermos: antes tarde do que nunca. Finalmente, a realidade entra pelos olhos do sr. Chateaubriand e ele se vê obrigado a pôr de lado velhos e rancorosos preconceitos e apregoa-la. Não só com a Tchecoslováquia, mas com todos os países do campo socialista, que compreendem cerca de 1 bilhão de seres humanos, é perfeitamente viável um comércio em larga escala, em condições as mais vantajosas, mediante trocas bilaterais. As portas estão abertas. O que existe é uma cortina de mentira, que sem dúvida alguma começa a esboçar-se, irremediavelmente.



De foto acima vemos milhares de trabalhadores paulistas em passeata realizada na capital de São Paulo, em 1956, quando de sua luta por novos níveis de salários mínimos.

SÃO PAULO (Do correspondente) Dezenas de sindicatos do interior do Estado, representando 17 categorias profissionais estão em luta por aumento de salário, revisão do salário mínimo, e contra a carestia.

Algumas dessas categorias profissionais têm à frente de sua luta as respectivas federações. É o caso

700 Mil Operários de São Paulo Em Luta Por Aumento de Salário

17 CATEGORIAS PROFISSIONAIS EXIGEM RES SALÁRIOS, REVISÃO DO SALÁRIO MÍNIMO E MEDIDAS CONTRA A CARESTIA

entre 25 e 35 por cento de aumento. Os patrões têm feito contra-propostas inferiores, que vêm sendo rechaçadas indiscriminadamente pelos sindicatos que consideram «suspeitos» os índices de elevação do custo de vida, elaborados pelo Serviço de Estatística da Previdência e Trabalho, do MTIC, nos quais se baseiam.

Até o momento entraram em greve os trabalhadores da Fábrica de Cimento Perus. Os trabalhadores na indústria de calçados, da Capital, organizaram um Comitê de greve para prevenir qualquer eventualidade.

MESAS REDONDAS NA DRT

Num esforço para resolver a situação criada pela recusa dos empregadores em aceitar as contrapropostas irrisórias dos empregados, a DRT realizou mesas-redondas, em 22, 23 e 24, a realização das seguintes mesas-redondas, entre dirigentes sindicais de empregados e empregadores: DIA 22 — Sindicato dos Trabalhadores nas Indústrias Químicas e Farmacêuticas com o «Laboratório Corti»; Sindicato dos Trabalhadores nas Indústrias de Chapéus, Bengalas e Guarda-Chuvas, com o Sindicato da Indústria de Guarda-chuvas; Sindicato dos Trabalhadores nas Indústrias de Papel e Papelão, com o Sindicato da Indústria de Papelão; Sindicato dos Trabalhadores na Indústria de Calçados, com o Sindicato da Indústria de Calçados e o Sindicato da Indústria de Solado Palmilhado, NO DIA 23 — Sindicato dos Condutores de Veículos Rodoviários e Anexos, com as empresas «Auto Viação São Bernardo Ltda.»; Sindicato dos Trabalhadores nas Indústrias Metalúrgicas, Mecânicas e de Material Elétrico, de São Paulo, Franco da Rocha e Guarulhos, com 17 Sindicatos patronais do setor. DIA 24 — Sindicato dos Trabalhadores nas Indústrias de Produtos Químicos e Farmacêuticos com o Sindicato da Indústria de Formicida, e Sindicato de Condutores de Veículos Rodoviários e Anexos de Santo André com a firma «Transporte Coletivo Viação São Bento».

BANCIÁRIOS EM ASSEMBLÉIA PERMANENTE

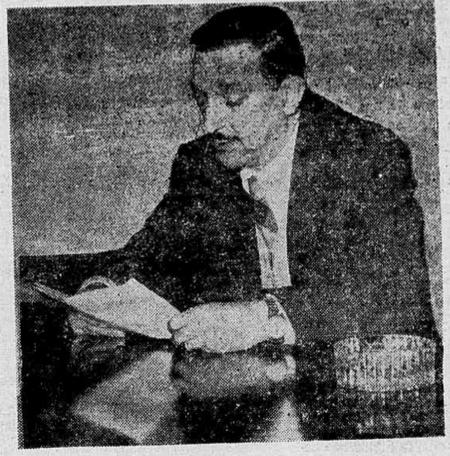
Os bancários reuniram-se no dia 21 e tomaram as seguintes resoluções: a) continuar reivindicando aos empregadores o aumento de 35% sobre os salários decorrentes do último acordo, com um mínimo de 2.300 cruzeiros, a partir do dia 15 do corrente; b) declarar-se em assembleia permanente, observando assim a resolução da assembleia inter-sindical; c) participar da nova assembleia inter-sindical no próximo dia 9 de novembro. Os bancários paulistas reivindicam ainda a extinção do trabalho aos sábados, adicional por quinquênio de serviço, questões relativas ao horário dos contínuos e pessoal de portaria, etc. Para discutir acerca de todos esses problemas os representantes sindicais dos empregados e empregadores devem reunir-se ainda esta semana.

UNIDADE INTERSINDICAL
Ante o incessante aumento do custo de vida, a intransigência dos patrões em atender

ENCONTRAM-SE EM GREVE OS TRABALHADORES DA FAB. DE CIMENTO PERUS — MANTÊM-SE OS BANCÁRIOS EM ASSEMBLÉIA PERMANENTE

os pedidos de aumento de salário e as manobras protecionistas a que vem sendo submetida a aprovação da excecionalidade da revisão dos níveis de salário mínimo, os trabalhadores paulistas resolveram vincular as suas lutas, fim de dar-lhe o vigor que a situação exige.

Assim, por iniciativa do Pacto de Unidade Intersindical no dia 20 p/ passado, realizou-se grande assembleia com a participação de todas as categorias em luta. Nela decidiu a convocação de uma assembleia para o dia 9 de novembro, tendo na ordem do dia as reivindicações seguintes: 1) — aumento de salário; 2) — revisão dos níveis de salário-mínimo; 3) — luta contra a carestia de vida.



Salvador Romano Losacco, presid. do Pacto de Unidade Intersindical

DIVERTENCIA DOS SINDICATOS

Até a conquista do reajuste salarial: 4) convocar os trabalhadores para Assembleia Intersindical, no dia 9 (nov), às 8,30 da manhã em local a ser marcado, para discutir a seguinte ordem do dia: a) aumento de salários; b) revisão dos níveis de salário mínimo; c) luta contra a carestia.

5) Que todas as entidades sindicais, hipotetem irrisória solidariedade aos trabalhadores da Companhia de Cimento Perus, atualmente em greve.

Trabalhadores: Unidos seremos vitoriosos. São Paulo 20 de outubro de 1955. a) Salvador Romano Losacco — Fed. E. Bancários do Paraná e S. Paulo e Sid. E. E. Bancários de S. P.; Luis Firmino de Lima — Fed. Trab. I. Flacô Teelagem S. Paulo; Wladimir Schnor — Fed. Trab. I. Metalúrgica E. S. Paulo; Francisco Floriano Desem — Fed. Trab. I. Químico S. Paulo; José de Araújo Piáçoto — Sindicato dos Trab. Ind. Metalúrgicos de São Paulo; Júlio Devichiani — Sindicato Trab. I. F. Tecelagem de São Paulo; Adolfo de Almeida — Sindicato Trab. Químicos Farmacêuticos de São Paulo; Manoel de Sá — Sindicato de Calçados de São Paulo; Deodoro F. de Sá — Sindicato dos Trab. Curteiros S. Paulo; Leopoldo Chiaparrim — Sind. Trab. Frios Carnes de São Paulo; Sebastião Tavares — Sindicato dos Trab. Gráficos de São Paulo; Miguel Arenas — Sindicato Trab. Operários Cimento S. Paulo; Salvador Rodrigues — Sindicato dos Trab. Ind. Marcenaria de São Paulo; Alberto Rodrigues — Sindicato dos Trab. Vidros Espelhos de São Paulo; Silvestre Bozo — Sindicato dos Trab. Ind. Papel e Papelão de São Paulo; Inácio Picasso — Sindicato dos Trab. Mestres e C. Mestres do Estado de São Paulo.



«A BAPOSA E AS UVAS» EM MOSCOW

Iniciando suas representações em Leningrado, há cerca de um ano, a peça do autor brasileiro Guilherme Figueiredo, «A raposa e as uvas», tem percorrido, de sucesso em sucesso, os principais teatros da União Soviética. A agência TASS acaba de distribuir fotos da montagem

da peça no teatro Gorki, de Moscou, onde se deu o êxito do melhor trabalho da representação de «A raposa e as uvas».

Depois do Pleito, na Câmara e Nos Partidos

O plenário do Palácio Tiradentes continua ainda bastante desfalcado. Grande número de deputados, vitoriosos ou derrotados nas urnas, permanecem em seus Estados, uns acompanhando as apurações e outros ainda na esperança de obterem um lugarzinho nas sobras. As bancadas partidárias se apresentam incompletas. Dentre os que já reassumiram seus lugares os que se despediram procuram fazer boa cara à má sorte. Os que já se sabem com mais quatro anos garantidos aquietam no trabalho — lamentam a euforia da vitória.

Enquanto o sr. Lacerda, líder da UDN, fica em andanças, mal saído do pleito de 3 de outubro e perturbado com uma vitória que cresce de proporções na sua fértil e inquietante imaginação, articulando os seus candidatos, entre os quais um é ele próprio, para a sucessão de JK, o sr. Fernando Ferrari, com a autoridade que lhe confere a maior votação do Brasil, entrega-se de corpo e alma à liderança parlamentar de seu partido. O jovem parlamentar gadcho é nestes dias na Câmara o espelho e encarnação de um líder, consciente de sua responsabilidade e das perspectivas que se abrem à sua carreira política e à realização de seus sonhos de um PTB com rumos seguros traçados num programa, como comandante em não que faz água por todos os lados, esforça-se apressadamente em alinhar uma maioria decoraída e em convencer a todos, a comecar pelos seus liderados partidários, que a velha agremiação saú indene, e até vitoriosa, do embate com a realidade deste Brasil de hoje.

Há vários problemas no âmbito parlamentar, mais sentidos no Palácio Tiradentes, que estão preocupando os representantes do povo. O mais sério deles é a votação do Orçamento, bastante atrasada pela falta de número e pela participação em que se encontram as bancadas partidárias. Outro é o plano de reclassificação, que contraria a operação Lucas Lobes. JK.

Dentro do PSD tudo é ainda confusão e expectativa. O sr. Amaral Peixoto, derrotado no Estado do Rio, onde por tantos anos vinha mantendo poderosa e inabalável máquina, anda batendo no peito e, humilde, repetindo por toda parte uma autocrítica de certa forma comovedora, na tentativa de poder manter a única posição que ainda lhe resta, qual seja a de presidente de um partido de república e pretende fazer outros. Ao senador Valadares, o homem da política dos cochichos de pé de ouvido, por superado que estão, pouca importância é dada. A «ala moça» — constituída por pessedistas — integrados no movimento nacionalista, quase todos revigorados por uma campanha eleitoral ágil e difícil e pelo contato com o povo de seus Estados, que encontraram bem diferente do que era há quatro anos passados fortalecidos pela vitória que tiveram nas urnas — presente a sua hora de desalojar os velhos bonzós enrustidos nas direções, dar-lhe um programa capaz de aproximá-lo mais do povo e interpretar a realidade de ação política. Se a «ala moça» ainda não está mobilizada para assumir o papel que lhe cabe, não tardará a se mobilizar e a se aglutinar, logo em torno de José Joffily e Ulisses Guimarães, venham a se reunir Renato Archer, Cid Carvalho, João Pinheiro Chaves, e também Vianna de Melo, que dificilmente encontrará melhor caminho a seguir que o de atuar dentro de seu partido na linha da «ala moça».



Fernando Ferrari

recuará de seus objetivos de dar nova estrutura estatutária e novo programa ao PTB. A corrente liderada pelo sr. João Goulart, ao que tudo indica, vai se defrontar com circunstâncias novas, decorrentes das consequências do pleito recém-terminado e da articulação imposta por esquemas já esboçados para a sucessão presidencial.



Lacerda, o Corvo

Com a derrota do sr. Ademar de Barros em São Paulo e com a evidência de terem sido trágica as bases de uma efetiva aliança com o PTB, o PSP se mantém em recesso, procurando reagrupar seus efetivos e pesar o saldo positivo que lhe fica do pleito. Neste momento a sua influência na marcha se juntou a incorporação de um neo-trabalhista notadamente como é o sr. Jânio Quadros.

A sua direção política, até aqui exercida quase exclusivamente pelo seu presidente, sr. João Goulart, terá que passar fatalmente a ser influenciada pelas próprias

As Eleições Vistas Pela Imprensa Imperialista
O «TIME» ESCAMOTEIA A VERDADE E FAZ PROPAGANDA DA VITÓRIA DOS «CONSERVADORES DINÂMICOS DA UDN»

Para o órgão norte-americano, os candidatos apoiados por Jango, Ademar e Prestes são demagogos e ultranacionalistas — Conselho a JK para levar à prática política «favorável à livre iniciativa» — Onde vem calhar o latim de Dom Jaime Câmara

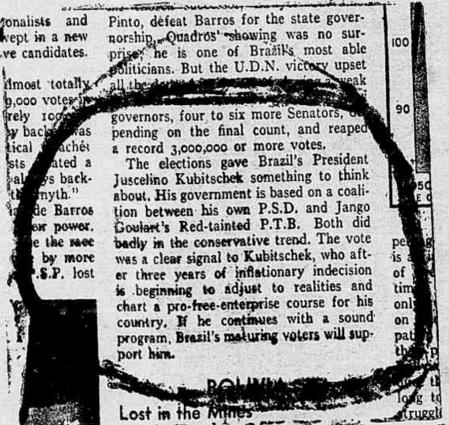
Merece registro a interpretação do resultado das eleições apresentada por órgãos da imprensa norte-americana. Não serve apenas para confirmar — mais uma vez — que a propaganda imperialista se nutre da falsificação dos fatos. Serve também para revelar uma tomada de posição, aliás já denunciada pelos patriotas no transcurso da campanha eleitoral. E, por isso mesmo, oferece a prova do novo de justiça da orientação seguida pelos nacionalistas. O autorizado «Time» (números de 13 e 20 de outubro da edição latino-americana) deixa o jogo bem claro.

Para a revista norte-americana, o eleitorado brasileiro repete as ambições de demagogos, ultranacionalistas e comunistas e deu a vitória a um novo tipo de candidatos conservadores e dinâmicos. Os derrotados — diz — formavam o «Frente Popular Nacionalista», em que se afixavam o PTB do vice-presidente João Goulart, o PSP do prefeito Ademar de Barros e os comunistas de Luis Carlos Prestes. Os grandes vencedores — ainda de acordo com o periódico do «Time» — foram a «conservadora UDN e o governador Jânio Quadros».

Como se vê, a verdade é escamoteada numa meta-verdade para permitir uma conclusão inteiramente falsa do resultado geral das eleições. Não há dúvida, porém, de que a admissão é significativa. Põe da realidade, mas deixa visível o desejo do imperialismo. Na vitória dos candidatos dinâmicos (tipo Carlos Lacerda?) da UDN conservadora é que repositavam suas esperanças, tendo naturalmente empenhado para isso seus recursos. E tudo fizeram para a derrota (agora trombetada pela sua propaganda, embora não conseguida) dos demagogos, ultranacionalistas e comunistas de João Goulart, Ademar e Prestes.

As coisas se aproximam ainda mais evidentes quando o «Time», partindo das conclusões eleitorais que trouxeram a cabeça e dos seus interesses, traça uma orientação para o governo Kubitschek. Eis como conclui seu comentário:

«As eleições deram ao Presidente do Brasil, Juscelino Kubitschek, algo sobre que pensar. Se o governo é baseado numa coalizão entre o seu PSD e o PTB aversinhado de Jango Goulart. Ambos perderam com a tendência conservadora. A eleição foi um claro sinal para Kubitschek que, depois de três anos de indecisão inflacionária, está começando a



O «Time» não se limitou a opinar, faciosamente, sobre o resultado das eleições. Foi além. Partindo de suas próprias e potes conclusões, no final de seu comentário (faciosamente) aconselha o governo Kubitschek a levar à prática uma política «favorável à livre iniciativa»

ajustar-se à realidade e a esboçar uma política favorável à livre iniciativa para seu país. Se isto conciliar com um programa sério, os efeitos amadurecidos do Brasil o apoiarão.»

Calha aqui o latim de dom Jaime Câmara, tão prazerosamente utilizado pelo sr. João Neves no «O Globo» inteligentíssimo. E basta mesmo. Pois todos sabem o que significa a chamada política favorável à livre iniciativa, que os trustes e seus porta-vozes sustentam com ardo e com dólares do olho cobiceiro no petróleo da Petróbras e em outras fontes de riqueza do país.

A Luta Ideológica no Japão

KENDZIURO IANAGUIDA (filósofo japonês)

Durante toda sua história multiseccular o povo do Japão por mais de uma vez lutou por seus interesses vitais. Nunca, porém, essa luta apresentou o caráter tempestuoso, amplo e tenaz, que se observa durante os últimos 30 anos após a segunda guerra mundial. O impulso sem precedentes adquirido pelo movimento democrático resulta da necessidade histórica de defender a paz e a independência nacional e lutar pela melhoria das condições de vida das massas populares.

É natural que nessa situação a luta

ideológica também assumia formas sem precedentes por sua agudeza. No processo dessa luta são derrotadas, uma após outra, as diferentes teorias idealistas, que até recentemente dominavam absolutas no país. Foi reduzido a pó o sistema ideológico do regime monarquista, cuja base era constituída pelo "Regime Imperial de Educação". Não mais vigora a moral feudal e confuciana, fundada nos preceitos pregados sob a epígrafe "Filhos do Respeito", meio de incutir a submissão e o fatalismo.

A luta do materialismo contra o idealismo no Japão atual não lembra uma ofensiva concentrada contra uma fortaleza, e sim uma luta contra "inimigos". Dissolvendo sua natureza deletéria, esses inimigos penetram, através da ciência, da moral e da arte, na própria alma do povo. No Japão de hoje o idealismo tenta criar raízes nos círculos científicos do país por meio de ampla propaganda das teses anticientíficas do pragmatismo, da falsificação de conclusões científicas decorrentes dos feitos da física moderna e da concepção científica do desenvolvimento social.

Procurando conquistar simpatias e adesão, o idealismo usa máscaras como o realismo ou o humanismo. Cada uma das escolas idealistas, isoladamente, não exerce qualquer influência considerável. No entanto, tomadas em conjunto, essas teorias embotam no povo a compreensão da verdade e da realidade, levam-no a perder a concepção objetiva do desenvolvimento da história e enfraquecem a fé dos que visam ao progresso.

A imprensa nipônica representa papel particularmente importante na divulgação de toda sorte de teorias idealistas. Desde os primeiros dias de sua existência proclamou como divisa seu caráter "imparcial" e "acima das classes". Qual é, porém, a essência dessas afirmações?

A imprensa burguesa do Japão não admite em suas páginas artigos imbuidos do espírito do materialismo científico. Em consequência disso os jornais se tornam instrumento de desinformação das massas, de embuste, de desunção e de enfraquecimento do povo, o que é altamente proveitoso aos círculos governantes, a quem muito servem a dispersão e a importância das massas.

Consideremos, agora, as fontes do oportunismo e do revisionismo em voga entre certa parte da intelectualidade japonesa. Surgiu, ultimamente, a tendência a rejeitar o autêntico marxismo a pretêxo de luta contra o dogmatismo. Não há necessidade de afirmar que o dogmatismo de certos marxistas nipônicos merecia ser condenado e criticado. Desligados do povo, os dogmáticos não conheciam a vida real deste, seus sofrimentos, seus motivos de orgulho; em suma, pregavam um marxismo sem considerar as peculiaridades do país.

O verdadeiro marxismo tem, porém, caráter criador. As teses científicas da doutrina de Marx adquirem força invencível quando são empregadas em concordância com as condições peculiares da situação histórica, em constante modificação. Somente nessas condições é que a doutrina de Marx serve como base

teórica à atividade prática revolucionária.

Quais, porém, os objetivos dos oportunistas e revisionistas japoneses? Seu desejo a pretêxo de lutarem contra o dogmatismo é desacreditar as teses fundamentais do marxismo-leninismo. Os revisionistas afirmam: "Nossa realidade é extremamente complexa e confusa. Não podemos explicá-la baseando-nos nas leis gerais que regem o desenvolvimento da sociedade, formuladas pelo marxismo".

Se negarmos, porém, as leis básicas que regulam o desenvolvimento social, estaremos negando a ciência da sociedade; torna-se impossível, por conseguinte, a atividade revolucionária para



transformar a sociedade. No entanto, os teóricos do revisionismo jamais pretendem a militância revolucionária; habituam-se à vida tranqüila do pequeno burguês.

Os verdadeiros marxistas não podem deixar de lutar contra o revisionismo. A batalha contra a filosofia do revisionismo não é, porém, tão simples como a luta contra a atual filosofia idealista reacionária e ideologia da burguesia imperialista. De vez em quando os revisionistas recorrem à fraseologia de esquerda e especulam com a tendência natural da nova geração em relação a tudo o que é novo. É dever de todos nós desmascarar os revisionistas e mostrar sua real fisionomia de lacaios da burguesia.

Os círculos governantes do Japão conduzem o país para um insuportável aviltamento nacional ao subordiná-lo a um Estado estrangeiro, colocando, assim, o país num impasse político e econômico; realizam a remilitarização do país e tentam levá-lo a participar em blocos militares. Em virtude disso intensifica-se nas amplas massas populares o descontentamento em face da situação, e a cólera do povo se manifesta em protestos cada vez mais intensos.

Quanto mais a reação leva o país a uma situação de de-

pendência, tanto mais se aprofunda no povo a aspiração à independência. Quanto mais prega o militarismo, tanto mais vigorosamente ressoa a exigência do povo: "Paz!". As massas japonesas já não constituem o conglomerado obediente e escravizado que foi durante o período de preponderância da monarquia.

Estamos certos de que venceremos na luta pelo futuro de nosso país. Em primeiro lugar, estamos certos disso porque nossas idéias representam a verdade e nada têm de falso ou enganoso. Embora se consiga em certas ocasiões até mesmo sufocar e ocultar a verdade, isso só acontece temporariamente, porque no final de contas ela virá à tona. Estamos vivendo agora justamente um momento em que a luz da verdade, por longo tempo encoberta por nuvens, brilha sobre nosso país.

Em segundo lugar, nossas idéias não servem aos interesses monopolistas de um estreito círculo de privilegiados. Servem à paz, à liberdade e às felicidades de todo o povo. Graças às condições atuais, quanto mais se aprofundar a crise, que hoje ameaça a própria vida do povo, tanto mais este será forçado a procurar o caminho da verdade e da justiça. Além disso, está em pleno vigor a lei histórica que assegura a vitória de tudo o que é novo e progressista. Os povos da Ásia e da África dão passos de sete léguas no sentido da nova vida, e desse movimento o povo japonês não pode estar excluído.

Em terceiro lugar, a justiça de nossas idéias e a inevitabilidade de sua vitória são demonstradas com toda a clareza por toda a atividade dos países socialistas chefiados pela União Soviética, onde essas idéias se encarnam na realidade viva e dinâmica, que se pode ver e concretamente sentir. Assumem grande importância os grandiosos feitos da República Popular da China, que são uma enorme contribuição à edificação do socialismo e à salvaguarda da paz em todo o mundo.

O triunfo das idéias do socialismo representa a vitória dos povos do mundo em luta pela verdade e a justiça. Somente a minoria das classes privilegiadas encara esse fato como ameaça. Considerando os progressos alcançados pela União Soviética e os demais países socialistas, as massas trabalhadoras do Japão começam a ter fé em sua própria vitória. Somos testemunhas das esplêndidas transformações que ocorrem hoje no mundo a um ritmo sem precedentes. Por sua vez, o povo japonês já tomou o caminho da luta por uma vida nova e feliz.

VIDA DOS PARTIDOS COMUNISTAS

Gigantesco Plano Econômico Sairá do XXI Congresso do PCUS

Como já noticiamos, em seu pleno de 5 de setembro último, o Comitê Central do Partido Comunista da União Soviética resolveu convocar para 27 de janeiro do próximo ano um congresso extraordinário, o vigésimo-primeiro Congresso do Partido.

Tamanho a importância dos problemas econômicos na União Soviética, ligados ao desenvolvimento do país, a um novo impulso na indústria e na agricultura, à elevação do nível de vida do povo, que o Congresso terá um único ponto na sua ordem do dia: «As cifras de contróle do fomento da economia da URSS para o período de 1959-1965». O instrumento será N. Kruschiov.

Trata-se de um plano de perspectiva ainda mais amplo do que aqueles geralmente realizados pelo Estado Soviético — um plano de 7 anos.

A passagem dos planos quinquenais para os septenais se explica pelo fato de que a economia da URSS está hoje de tal maneira organizada, são tão claros os objetivos a atingir que é possível fazer propoções para um período ainda mais largo. Podem assim ser enfrentadas obras de proporções muito maiores, abrangendo todos os setores fundamentais da economia.

No terreno da técnica, por exemplo, a etapa atual se caracteriza pela introdução da mecanização complexa e da automatização dos processos de produção, um poderoso desenvolvimento da indústria química e utilização em maior escala da energia atômica para fins pacíficos.

Estão criadas hoje na União Soviética todas as condições para a realização da idéia de Lênin de eletrificação de todo o país. É cada vez maior o número de aldeias soviéticas que contam com a energia elétrica não só para a iluminação como para as atividades comuns. Nos últimos 20 anos, a produção de eletricidade na URSS passou de pouco mais de 36 bilhões de quilowatts-hora para cerca de 210 bilhões. E as perspectivas neste domínio são de proporções enormes. Prevê-se a construção de novas centrais térmicas (de 1959 a 1965) com uma produção de energia 1,2 vezes maior do que a de todas as centrais térmicas atualmente em funcionamento na URSS. E note-se: estas centrais fornecem hoje 83% de toda a energia elétrica do país.

Está prevista igualmente a utilização em grandes proporções da energia atômica. Como se sabe, foi na União Soviética onde começou a funcionar a primeira central elétrica atômica do mundo. Recentemente, inaugurou-se uma seção de nova central deste gênero com a potência de 100 mil quilowatts. Esta central, uma vez concluída, terá a potência global de 600 mil kw.

Este é apenas um setor das indústrias básicas. Os demais setores fundamentais merecem igual atenção por parte do governo e do Partido Comunista. O pleno de maio deste ano do PCUS já havia traçado um plano de incremento da indústria química cuja realização está em pleno andamento. As cifras aqui também são impressionantes pelo ritmo de fomento previsto. Em sete anos estarão construídas ou ampliadas na União Soviética 257 empresas químicas e correlatas.

Outro tanto ocorre na indústria de gás. Para os próximos 15 anos prevê-se a extração e produção de gás num volume de 270 a 320 bilhões de metros cúbicos, isto é, 13 a 15 vezes mais do que no ano passado. Neste mesmo período serão construídos cerca de 40 gasodutos com uma extensão global de 26 mil quilômetros, isto é, 3 vezes toda a costa do Brasil, do Amazonas ao Rio Grande do Sul.

Todos estes objetivos de

estão sendo adotadas medidas urgentes para que nos próximos 5 a 7 anos sejam satisfeitas as necessidades internas de mercadorias de amplo consumo, tais como tecidos, calçados, roupas, etc.

Na União Soviética costuma-se dizer: os planos do Partido são planos de todo o povo. É uma verdade. Depois dos avanços formidáveis da União Soviética em todos os terrenos — no econômico, no científico, no cultural — quem tem mais qualquer dúvida de que os objetivos a serem propostos pelo XXI Congresso tornar-se-ão uma realidade? Embora, segundo se afirma, o novo plano septenal soviético venha a causar admiração ao mundo.

DECLARAÇÃO DO CC DO PC DA ALEMANHA

O Partido Comunista da Alemanha divulgou, através da imprensa e do rádio da Alemanha Ocidental, uma declaração do Birô Político do CC do PCA com um apelo aos trabalhadores cristãos da Alemanha Ocidental a lutarem contra a política antipopular do governo de Adenauer de armamento atômico da Alemanha. Segundo afirma a declaração, o recente congresso do Partido Democrata-cristão em Kiel demonstrou que a direção desse partido governamental da Alemanha Ocidental não representa os interesses dos trabalhadores cristãos e das camadas médias.

O birô político do CC do PCA salienta que na Alemanha Ocidental existem forças capazes de traçarem um novo caminho para o futuro.

O CC destaca também a necessidade de criar-se uma comissão de representantes dos dois Estados alemães com o objetivo de elaborar um tratado de paz.

E conclui a que sejam eliminados os obstáculos no comércio com os países do campo socialista, o que constituiria uma grande ajuda ante a ameaça de crise econômica.



na URSS, sobretudo nas grandes cidades, é a moradia. O governo e o Partido Comunista tomaram a si a tarefa de nos próximos 10 a 12 anos pôr-se termo definitivamente à carência de habitações confortáveis. É possível, pela marcha atual da construção civil, tanto em Moscou como em outras cidades, que este período se reduza bastante.

DICIONÁRIO

IDEOLOGIA — É o sistema de opiniões, idéias e conceitos formados e adotados por uma classe ou um partido político. As opiniões políticas, a filosofia, a arte, a religião, são formas de ideologia. Toda ideologia é o reflexo da existência social, do sistema econômico que predomina na sociedade em tal ou qual momento. A ideologia, numa sociedade dividida em classes, é sempre uma ideologia de classe, uma vez que ela exprime e defende os interesses de uma ou outra classe em luta. «Numa sociedade dilacerada pelos antagonismos de classes, não poderá jamais existir ideologia fora ou acima das classes», ensina Lênin.

A ideologia desempenha um enorme papel na vida social, na história da sociedade. Refletindo as condições da vida material da sociedade e os interesses de determinadas classes, a ideologia, por seu lado, atua como uma força sobre o desenvolvimento da sociedade. Daí a importância que tem a luta ideológica como uma das formas da luta de classes. Enquanto a ideologia das classes reacionárias, oferecendo uma representação deformada da realidade, é utilizada como uma força na defesa dos interesses e privilégios dessas classes, a ideologia revolucionária atua como um poderoso fator para a transformação da sociedade, uma arma de que lançam mão as classes avançadas para a conquista dos seus objetivos progressistas.

A ideologia da classe operária é o marxismo-leninismo, cuja força decorre do fato de traduzir fielmente as leis objetivas do desenvolvimento da sociedade e exprimir as necessidades do desenvolvimento histórico de nossa época. O marxismo-leninismo é a única ideologia científica consequente. A comprovação de sua justeza pode ser verificada através da vitória do socialismo em numerosos países, particularmente na União Soviética e na República Popular da China, assim como no avanço do movimento operário e revolucionário em todo o mundo.

Ensina Marx que para libertar a sociedade dos limites do velho mundo é necessário que as idéias se tornem uma força material. Para isso só há um caminho: as massas se apoderarem dessas idéias e lutarem pela sua realização. Isso resulta, enormemente, o papel do partido revolucionário da classe operária e a necessidade do seu incessante fortalecimento, sob todos os aspectos.

CADERNO DE VIAGEM Com a Areia do Passado e o Cimento do Presente Se Constroi a Nova China

- ☆ Belezas, contrastes e harmonias da capital chinesa
- ☆ Visita a um novo bairro residencial
- ☆ Curiosidades de Pequim

MARIA DA GRAÇA

Pequim está entre as maiores capitais do mundo. Densamente povoada, desconhecendo, porém, o problema da superpopulação que aflige a maioria das capitais do Ocidente. Dentro de seus limites geográficos ainda podem se acomodar outros tantos milhões de habitantes com todas as condições de espaço suficiente e alto padrão de vida urbana. Os processos científicos de controle de natalidade, hoje amplamente divulgados por toda a China, não significam medidas preventivas contra um perigoso aumento populacional no país, mas simplesmente um meio de tornar possível às mulheres chinesas, demasiado procriadoras, uma maior participação na construção da pátria socialista. Isto nos dizia, em nosso segundo dia de estada na China, o secretário-geral do Comitê de Contribuição ao Comércio Exterior, ao mesmo tempo em que nos mostrava, com o auxílio de dados estatísticos, o que é o espantoso ritmo da industrialização nesta fase de realização do Plano Quinquenal, chamado «o grande salto». Falou-nos também sobre a produção agrícola, crescendo em progressão quase geométrica: nos últimos oito meses as áreas irrigadas alcançaram em todo o país um total da ordem de 420.000.000 de «mou» (cada «mou» equivale a 2 hectares) enquanto que a área total cultivada é de 2 bilhões, talvez metade, apenas, do que ainda poderá ser cultivado. Assim é que a China pode encarar tranquilamente mais meio século de crescimento demográfico, cujo índice e, nos tempos de hoje, um dos mais elevados do mundo.

BELEZA, CONTRASTES E HARMONIA

A capital chinesa será, sem dúvida, uma das mais belas do mundo. José Venturelli, o grande pintor chileno que vive em Pequim há cinco anos, nos dizia que a luminosidade de Pequim é excepcionalmente fotogênica e que a cidade possui por sua própria natureza, colorido e harmonia admiráveis de beleza.

Com efeito, Pequim, de acordo com os planos traçados pela comissão de técnicos e urbanistas da Prefeitura, cresce harmoniosamente, nas quatro direções, em cujos extremos estão sendo construídos os novos subúrbios residenciais para os trabalhadores, verdadeiras pequenas cidades-satélites tendo como centros os grandes edifícios da biblioteca, palácio da cultura dos trabalhadores, policlínica central, grande mercado popular, teatro e cinema e os conjuntos das escolas primárias e secundárias. As longuíssimas avenidas, sendo prolongadas até aos limites do crescimento previsto nos planos. No futuro a cidade não terá zonas de congestionamento populacional e nem pontos de estrangulamento de tráfego, graças às amplas artérias que a cortam em todos os sentidos. As três muralhas que cercavam a cidade interdita dos imperadores, muralhas de pedra de dez metros de espessura, conservadas nos quatro lados das velhas portas de acesso, estão sendo rasgadas para dar passagem às novas avenidas e ruas. Além dos imensos e maravilhosos parques dos palácios imperiais, e dos riquíssimos templos budistas, hoje abertos ao povo e parte integrante da cidade, há parques novos por toda a parte, nos quais, aos sábados e domingos, a partir das 18 horas, há cinema, teatro e bailes populares. Os rios e canais que cortam Pequim, os fossos ao pé das muralhas, foram drenados, limpos, arborizados e ajardinados as margens, enriquecendo a paisagem urbana em colorido e beleza.

Tudo em Pequim é beleza e harmonia. Os contrastes, que em outra cidade qualquer seriam chocantes, em Pequim conseguem se justapor, acrescentar mesmo ao estranho en-

canto da cidade. São as velhas vielas da antiga capital, tão estreitas que de um lado ao outro as pessoas podem se apertar as mãos. São bairros inteiros, e não somente em Pequim, como em todas as cidades da China, ainda existem aos milhares. Fazem parte da pesada herança de miséria recebida pelo novo regime.

Visitamos nos arredores da cidade um desses bairros antigos, — e como todos, com a sua entrada por uma viela que começa numa das grandes avenidas. — Nessa visita nos acompanhava a secretária do Comitê local, sra Tsai Fong-Ying. Explicou-nos ela as dificuldades de novas habitações ainda existentes, e o esforço que está sendo feito pelo governo e pelo povo, pa-

ra que o problema tenha a sua solução definitiva dentro dos próximos dez anos. Enquanto isso os moradores do bairro, contando com um certo auxílio oficial local, se organizam e trabalham juntos: as ruelas, antes verdadeiros rios de lama e de imundícies, foram calçadas e são mantidas impecavelmente limpas, lavadas todas as manhãs e varridas várias vezes por dia. Há luz elétrica nas casas; em muitas já há água encanada e para as que não a possuem ainda, sob o próprio teto há bicas coletivas em número suficiente. A maioria das casas já estavam cobertas de telhas e algumas poucas receberam sobre a cumieira de palha uma grossa camada de uma mistura de barro e cimento. Há uma escola para as crianças do bairro e uma creche. O terreno em frente estava sendo ajardinado pelos próprios moradores e alunos da escola.

UM BAIRRO NOVO

Ao lado desse bairro onde as condições de habitação ainda são realmente precárias, embora infinitamente melhores do que eram há nove anos passados, quando da proclamação da República Popular, visitamos um dos inúmeros novos bairros residenciais para os trabalhadores. Dezenas deles estão sendo rapidamente construídos em torno da capital.

São ruas e ruas ajardinadas e arborizadas, todas convendo para a grande praça onde se encontram localizados o mercado popular, as grandes lojas, o palácio da cultura, policlínica infantil, a biblioteca, e duas grandes casas de espetáculos, uma para teatro e outra para cinema.

O «Jornal do Brasil» vem publicando artigos do jornalista francês Fernand Moulher que visitou a República Popular da China. Esses artigos revelam que, apesar da má vontade preconcebida contra o regime socialista, Moulher não pode deixar de reconhecer o extraordinário entusiasmo com que o povo chinês trabalha pelo futuro de seu grande país. Na abnegação, no espírito de sacrifício demonstrado por todo o povo, na construção de gigantescas barragens, no saneamento de pântanos, na eliminação das pragas que há séculos infelicitavam o país, Moulher vê uma expressão de «fé». Mas, diante dos feitos grandiosos do povo chinês, só podemos exclamar: «Bendita fé!», essa que não espera por milagres, mas que leva milhões de homens a empreender grandiosos feitos no trabalho, transformando num breve lapso de tempo a face de seu país.

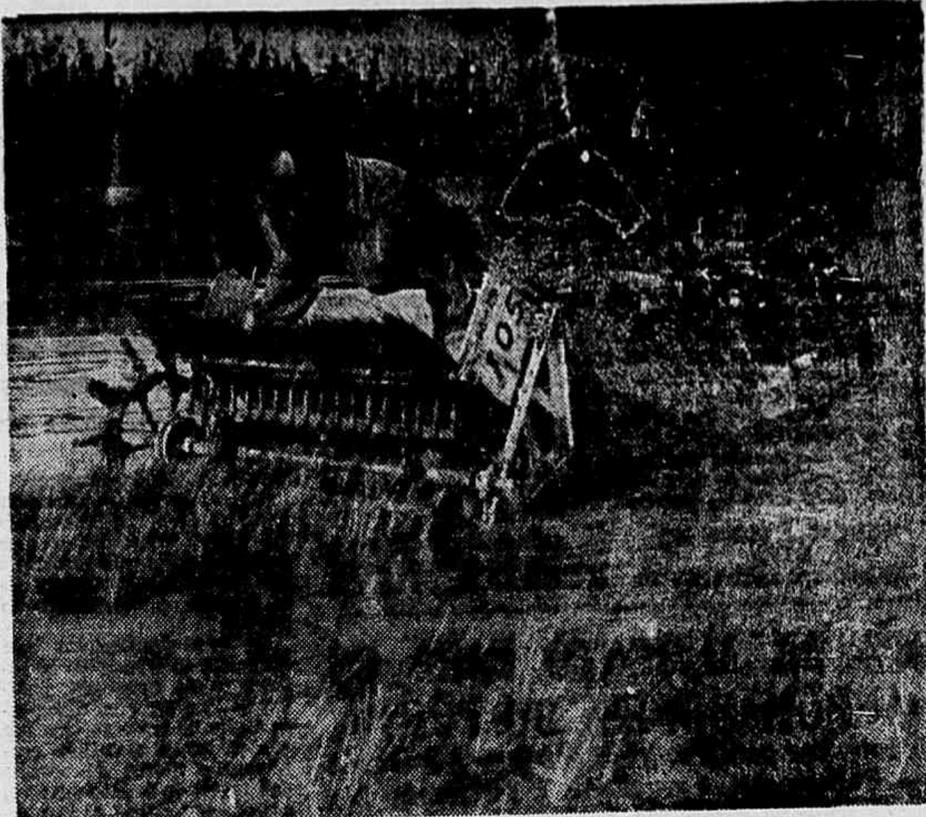
De um desses artigos do periodista francês extraímos o trecho seguinte, bastante sintomático do estado de espírito que anima hoje o povo chinês na construção de uma nova vida:

«Logo que voltei a Pequim, tive ocasião de assistir, no quadro das campanhas incessantemente renovadas, a um espetáculo alucinante: a caça aos pardais. O pardal é com a mosca, o rato e o mosquito, uma das «quatro pragas». Antigamente, juntavam-se à lista negra o cão e o gato. Os cães desapareceram (mas são ainda comidos em Cantão onde um cão assado tem sido sempre um petisco preferido). Os gatos tornaram-se selvagens. Com grande acompanhamento de música difundida por milhares de alto-falantes, a população de Pequim foi informada que, de 18 a 21 de abril estava mobilizada para matar os pardais. Durante três dias e três noites, nenhum habitante de Pequim dormiu — inclusive eu. Três milhões de homens e de mulheres tiveram por missão impedir os pardais de pousar em um raio de 50 quilômetros do centro da cidade. Na hora «H» (cinco horas da manhã), havia um homem e uma mulher em cada telhado, ao pé de cada árvore, de cada moita, agitando grandes estandartes, enquanto que

A CAÇA AOS PARDAIS

nas ruas grupos de jovens batiam em velhas caçarolas, fazendo um barulho ensurdecedor. Nas muralhas, os soldados patrulhavam. Os ativistas davam ordens pelos altofalantes cumprimentando uns, animando outros. Os professores haviam distribuído badoques às crianças. Não se queria matar os pardais em vôo, mas cansá-los. E, de fato, no fim de 48 horas, os pardais, tendo procurado em vão um refúgio, tomaram pesadamente sobre os telhados ou na rua onde eram exterminados com pedradas. Eram levados, então, ao comitê de rua onde um funcionário os contava e dava recibos. Em 72 horas, 750.000 pardais morreram de fadiga. No meio da confusão, não era possível dormir ou, mesmo, pensar em outra coisa senão os pardais.

— Passel por toda a cidade e tentei em vão compreender o que se passava nas cabeças desses homens e mulheres empoleirados nos telhados ou correndo para exterminar os pássaros já quase mortos. Agiam com fé. Era preciso destruir a praga para o bem estar do povo. O primeiro dia — um domingo — o vigário geral da igreja católica, frei Wang, um franciscano, celebrou a missa às 3 horas da manhã, ao invés das 10 horas, para que os fiéis pudessem participar da caça. Na véspera da abertura, o chefe do protocolo havia convocado todos os chefes de missões diplomáticas. Grande emoção. Muitas foram as conjecturas, nas chancelarias. Os diplomatas voltaram da visita estupefatos. O chefe do protocolo lhes havia pedido que deixassem seu pessoal chinês participar da caça e os havia autorizado a se servirem de fuzis e carabinas. Unicamente um recurso: o indú. O inglês, a princípio indignado, entrou no jôgo e decidiu que o escritório do encarregado dos negócios de Sua Majestade Britânica teria o mais belo quadro de caça de todas as representações diplomáticas. Durante três dias, foi uma fuzilada em regra no esplêndido «compound» britânico, 101 pardais aí encontraram a morte. Um empregado chinês os legou ao Ministério dos Negócios Estrangeiros.»



Máquinas Para Plantar Arroz — A agricultura da República Popular da China está tomando incremento extraordinário. Inicialmente, o governo chinês e o Partido Comunista estimulam o seu desenvolvimento sobretudo através do emprego do maior número possível de trabalhadores. As máquinas eram escassas. Agora, a indústria chinesa já pode fornecer maior número de máquinas para a agricultura. É uma dessas máquinas a que vemos acima, invenção chinesa. Destina-se à plantação e transplantação de arroz. Assim, esta cultura que há milênios os chineses cultivam metidos na água, passa a mecanizar-se. (Foto da Agência Sinhuá).

De um lado e outro das ruas, recém abertas e muitas delas ainda não calçadas, imensos blocos de apartamentos de dois únicos tipos: 2 quartos, sala, cozinha e banheiro e 3 quartos, sala cozinha e banheiro. A arquitetura é de linhas simples e modernas; nos beirais dos telhados e nos balcões em madeira trabalhada aparecem reminiscências do tradicional estilo chinês.

Os novos edifícios que abrigam os ministérios, repartições especializadas, escolas, universidades, institutos, sedes de partidos e de organizações sindicais e populares, são grandes, instalados com todos os requisitos de conforto, muitos deles até com luxo. Não existe, entretanto, nem o grandioso, nem o excessivo. O chinês é um povo que possui em alto grau o sentido do funcional, do equilíbrio e da

sobriedade, a isso se alia a norma do regime: não desperdiçar nada, trabalhar com rapidez, economia e perfeição.

Ao lado desses modernos edifícios é comum encontrar-se por toda a cidade os palácios dos nobres e dos ricos «compradores» do passado, que têm como característica tradicional a porta pintada de vermelho. Do lado de fora se vê somente um muro com uma entrada central abrindo para um pátio. Em torno desse pátio — há palácios que possuíam, conforme a fortuna do proprietário e o número de seus familiares, três e quatro pátios, — erguem-se os pavilhões residenciais, pequenas construções graciosas, de telhados coloridos e verdadeiras casas de boneca.

Existem 40 teatros na cidade,

entre grandes e pequenos, entre modernos e mais antigos. Outros estão sendo construídos nos novos bairros. Em todos eles os conjuntos da Ópera de Pequim dão representações e se exibem os melhores e mais famosos artistas de drama, de comédia, das danças tradicionais das minorias. Os teatros vivem cheios e os preços são mínimos, variando entre 60 centavos e 1 yuan. Os cinemas são também em grande número e não lhes falta público.

O CENTRO COMERCIAL. Nas proximidades dos hotéis Pequim e da Paz, há um último construído há pouco mais de um ano e no tempo recorde, espantosamente recorde de menos de 30 dias — 8 andares — está localizado o mais moderno e mais bem sortido centro comercial. Na rua Wang fu Ching, onde o «Jemin-Ji-pao» (Diário do Povo) tem a sua sede, movimentada e dia inteiro como a rua Gou-avos Dias, existem lojas de tudo quanto se possa imaginar sapatearias, alfaiates, lojas de tecidos, livrarias, barbeiros, grandes farmácias e drogarias, casas especializadas em vinhos e em chá, lojas de roupas e brinquedos para crianças, talão, enfim. De um lado está o edifício do grande armazém estatal, cinco andares onde se pode comprar de tudo, desde a escova de dentes e o sabonete, até bicicletas e aparelhos fotográficos. Os preços são os mesmos em Pequim inteiro, na China toda, com variações mínimas em alguns artigos nesta ou naquela província ou região.

No lado oposto da rua, quase em frente ao grande mercado popular, todo reformado, no qual se vende de tudo e dentro do qual o estrangeiro, como nós, por exemplo, não se cansa nunca de percorrer a rua dos livros, com os vagos semelhantes com os «bouquinistas» do café do Sena, as lojas dos antiquários, encantadores pequenos museus, os cafés e restaurantes tipicamente chineses, as lojas que vendem somente artigos de palha e um de objetos do maravilhoso artesanato chinês: colônias, marfins trabalhados, jades de todas as cores, as lacas e os charões, os famosos bordados. (CONCLUI NA PAGINA 12)

TRABALHADORES EM LUTA CONTRA A POLÍTICA ANTI-OPERÁRIA DO GOVERNO

Passadas as eleições a onda altista do custo da vida voltou-se extraordinariamente, levando o alarma aos lares de todos os trabalhadores. Na base dos novos aumentos estão as últimas disposições cambiais da SUMOC, encarecendo o custo de diversos artigos importados e essenciais à economia do país, como os combustíveis líquidos, peças para veículos, trigo, etc. As novas medidas, cujas tentativas de serem postas em prática vinham sendo tenazmente combatidas, foram tomadas à socapa, aproveitando o governo o êxito da apuração do pleito eleitoral que atraía as atenções gerais, para torná-las públicas.

SOLUÇÃO A CUSTA DO POVO
Estampando declarações do

sr. Alfredo Gerhardt, representante dos economistas junto à COFAP, diz o «Jornal do

O governo e os empregadores procuram lançar sobre os ombros dos trabalhadores o peso das dificuldades econômicas — Cerca de um milhão de operários em luta no Estado de São Paulo — As lutas no Distrito Federal — Os bancários do Rio lideram a campanha nacional da categoria por aumento de salários Trinta mil têxteis iniciam campanha salarial

Brasil de 19 do corrente: «... as alterações cambiais significarão o rebaixamento do índice alimentar, o que significa dizer que a solução dos problemas brasileiros será à custa da alimentação do povo.»

Os fatos demonstram que esses são os propósitos do governo e da burguesia brasileira. Enquanto se intensifica a alta do custo da vida são conhecidas as manobras protelatórias acerca da revisão dos níveis de salário mínimo, cuja excepcionalidade nem sequer foi ainda aprovada. Por outro lado, em consonância com o plano de estabilização da moeda do ministro Lucas Lopes, responsável pelas desastrosas alterações cambiais, promete-se ao funcionalismo um aumento de 30% a partir de julho de 1959. Ora, se a esta altura o aumento do custo da vida já excede os 45% geralmente admitidos em agosto do corrente ano, a quanto andrà daqui a dez meses, data para a qual é prometida o acréscimo de vencimentos?

Ao mesmo tempo, o processo de elevação dos preços, — consequência das alterações cambiais —, é utilizado, com a cumplicidade da COFAP, para descarregar em proporção cada vez maior o

peso das dificuldades sobre os ombros dos trabalhadores, aumentando sempre mais os lucros dos capitalistas. No Distrito Federal, por exemplo, segundo cálculo divulgado pelo jornal «Última Hora», o aumento do custo do pão exigido pelos novos preços da farinha de trigo, computando-se inclusive a cota de lucro para as padarias, não atingiria a 3 cruzeiros. Mas o órgão controlador estabeleceu em 7 cruzeiros o aumento!

Os trabalhadores, porém, não se conformam com as perspectivas com que lhe aceitam o governo e as classes dominantes. Este ano, até o momento, cerca de 30 corporações profissionais entraram em luta e conquistaram aumento de salários entre 15 e 40%. Entre elas destacam-se os trabalhadores do grupo Light, do Estado de S. Paulo, os 200 mil comerciários e cerca de 60 mil metalúrgicos cariocas, os estivadores de todo o país, os trabalhadores no comércio hoteliro do Distrito Federal, Bahia e Porto Alegre, portuários do Recife, comerciários de Fortaleza, funcionários de várias câmaras municipais do Estado de São Paulo, etc.

Presentemente, além da luta pela revisão do salário mínimo, crescem as lutas em todo o país por aumento de salários e vencimentos. Em âmbito nacional estão em luta os funcionários públicos federais, os bancários, aeronautas, aeroviário e marítimos.

açúcar reivindicam 40% sobre os vencimentos, os fumageiros, 35%; marceneiros, 20%; trabalhadores na indústria de balas e moageiros, 35%; trabalhadores nas indústrias de produtos químicos e farmacêuticos, 40%; padeiros, aeronautas e aeroviários ainda não decidiram o quantum pelo qual lutarão.

Os marítimos (em âmbito nacional) continuam lutando pelo cumprimento dos 54 itens reconhecidos pela Comissão Interministerial e pagamento de atrasados devidos pelas companhias particulares. Os 8 mil trabalhadores da Carris lutam contra as pretendidas modificações no serviço de bondes que os ameaçam com o desemprego e com a perda de direitos.

BANCÁRIOS
Aproximadamente 22 mil bancários do Distrito Federal estão na vanguarda da luta que essa categoria profissional trava em âmbito nacional

por aumento de salário. No Rio reivindicam 35% de aumento, e recusaram a proposta dos banqueiros de 20%. Os empregadores permanecem intransigentes, embora os lucros de apenas 70 estabelecimentos tenham atingido em 1957 a impressionante cifra de 6 bilhões e cem milhões de cruzeiros, e, somente no primeiro semestre do ano em curso, 3 bilhões e 600 milhões.

Os bancários vêm realizando intensa campanha de esclarecimento do público sobre a sua luta. No centro da cidade foram afixados inúmeros cartazes explicativos, dando do o salário dos empregados, os lucros dos bancos e as reivindicações pelas quais lutam. Em poderosa assembléia realizada no dia 16, foi decidido realizar uma grande concentração em frente ao Ministério do Trabalho no dia 23, devendo verificar-se nova assembléia antes do dia 30.

TEXTEIS

Os 30 mil têxteis do Rio de Janeiro também iniciaram, com grande assembléia realizada no dia 17 do corrente, a luta por 25% de aumento. Os patrões vinham se recusando aos entendimentos, apesar das fábricas apresentarem vultosos lucros em seus balanços, e dos ínfimos salários que percebem os operários. Como o acordo concluído em 1957 expira a 11 de novembro próximo, outra assembléia foi marcada para o dia 14 do mesmo mês, quando os diretores do Sindicato esperam poder apresentar aos trabalhadores algo de concreto sobre os entendimentos com os empregadores.

63% DE AUMENTO PARA OS «ARRUMADORES» DO PORTO

A luta dos trabalhadores assegurou a vitória — Falta agora conquistar a efetivação nos locais de trabalho

Os arrumadores de cargas do porto do Rio acabam de sair vitoriosos da sua luta por aumento de salário. Há tempos, vinham aqueles trabalhadores lutando por uma melhoria de 80%. Ultimamente a situação se agravava, havendo ameaça de greve, com a consequente paralisação das atividades do porto no que se refere às cargas de cabotagem e em parte das cargas internacionais. Em vista disso, o governo resolveu propor um aumento de 63% sobre os salários vigentes em 1956, o que foi aceito pelos trabalhadores em concorrida assembléia, realizada no dia 17, no Sindicato dos Trabalhadores

do Comércio Armazenador de Cargas, ao qual pertencem.

Os arrumadores trabalham no setor da carga de pequena cabotagem. No entanto, frequentemente são requisitados para trabalharem no setor de carga internacional. Por isso querem o cumprimento do dispositivo da Consolidação das Leis do Trabalho que manda sejam efetivados os trabalhadores nos postos em que permanecerem por mais de 12 meses consecutivos. Esta reivindicação continua pendente. Animados com a obtenção do aumento de salário, os arrumadores continuarão utilizando a mesma forma de luta para conquistá-la.

O Próximo Congresso da O.R.I.I.

ROBERTO MORENA

O «Diário Carioca» do dia 5 deste mês, numa notícia, deu a conhecer que nos dias 3 a 13 de dezembro próximo terá lugar em Bogotá, o Congresso da Organização Regional Inter-Americana do Trabalho (ORIT), filial da Confederação Internacional das Organizações Sindicais Livres (CIOSL). Não se sabe quais os temas que serão discutidos. Insinua-se, apenas, alguns pontos que os dirigentes sindicais brasileiros (diz o repórter) irão reivindicar nessa reunião. Quando houver uma comunicação oficial, então se poderá examinar os objetivos do conclave.

Queremos abordar uma questão de grande importância para o movimento sindical do Brasil: as suas relações com os trabalhadores e entidades sindicais de outros países e as organizações internacionais existentes. Estudemos o assunto, em primeiro lugar, dentro da estrutura sindical vigente. O artigo 565 da Consolidação das Leis do Trabalho, no texto do Decreto-lei n. 5.452, de 1 de maio de 1943, estabelecia: «As entidades sindicais reconhecidas nos termos desta lei não poderão fazer parte de organizações internacionais.» Essa determinação foi modificada pelo decreto-lei n. 9.502, de 23 de julho de 1946: «As entidades sindicais reconhecidas nos termos desta lei não poderão filiar-se ou manter relações com organizações internacionais, salvo licença prévia do Congresso Nacional.» Não parou ali. De novo foi modificado o artigo 565, de acordo com a lei n. 2.802, de 18 de junho de 1956, texto que vigora atualmente: «As entidades sindicais reconhecidas nos termos desta lei não poderão filiar-se a organizações internacionais, nem com elas manter relações, sem prévia licença concedida por decreto do Presidente da República.»

Como se pode deduzir desses três textos há uma total e absurda submissão do movimento sindical ao governo, no tocante às relações dos trabalhadores e de suas organizações sindicais com o estrangeiro. As modificações do conteúdo original não decorrem do espírito da Constituição de 18 de setembro de 1946, que estabelece, no artigo 158, que o movimento sindical é livre.

Baseado nisso é que o governo Vargas

enviou uma mensagem ao Congresso Nacional, solicitando a permissão para que as confederações de trabalhadores existentes e, neste caso, o movimento sindical brasileiro, se filiassem à CIOSL, que havia nascido nos fins de 1940, novembro e dezembro, em Londres, numa cisão na Federação Sindical Mundial. Os seus organizadores principais foram os Trade Unions da Inglaterra, Federação Americana do Trabalho e a CIO dos Estados Unidos. Pode-se compreender facilmente que esse organismo foi criado para se opor e combater a FSM e os princípios por ela defendidos. Na própria exposição de motivos do Poder Executivo de então, constavam ataques à FSM e ao movimento sindical dos países socialistas.

Concedida pelo Parlamento essa permissão, apesar da oposição que manteve contra essa mensagem no período em que esteve na Câmara dos Deputados, apressaram-se as Confederações a pedir sua filiação à CIOSL, o que aliás era desnecessário, pois no Congresso de Londres em 1949, já haviam comparecido como filiadas, isto é, antes da concessão dada pelo Parlamento.

Esta filiação foi feita sem nenhuma consulta aos organismos sindicais do Brasil. Foi decidida apenas pelas direções das Confederações. E, até agora, é assunto privativo delas, que não dão conhecimento do que lá se decide, nem ao Conselho de Representantes desses organismos confederais.

Logo, o primeiro passo a reclamar é a liberdade de filiação dos sindicatos de nossa terra aos organismos sindicais internacionais que melhor consultem os interesses dos trabalhadores brasileiros. Aos próprios trabalhadores é que cabe decidir sobre essa filiação.

Conjuntamente com essa luta, cabe, no momento, exigir que se saiba o que vai ser discutido em Bogotá, qual será a delegação sindical do Brasil e como será formada. Isto compete a todos os sindicatos. Não há tempo a perder, se quisermos que em Bogotá a delegação sindical organizada pelas Confederações trate realmente dos interesses dos trabalhadores brasileiros, ao invés de fazer cória com os dirigentes da ORIT na campanha anticomunista, como já se deixa entrever.

Mais de 1 milhão de Operários em Luta

No Estado de São Paulo mais de um milhão de operários estão em luta por aumento de salário. Atualmente estão em greve os trabalhadores da Fábrica de Cimento Portland Perús (2.000) e os das empresas de ônibus Auto Viação São Bernardo e Expresso São Bernardo, de São Bernardo do Campo (500).

Cerca de 220 mil metalúrgicos, representados por 22 sindicatos de todo o Estado; 230 mil operários têxteis; 50 mil trabalhadores nas indústrias de produtos químicos e farmacêuticos; 85 mil trabalhadores da indústria da construção civil; 40 mil trabalhadores em marcenarias e carpintarias; 12.500 trabalhadores da CMTC; 55 mil trabalhadores na indústria de calçados; 30 mil trabalhadores na indústria de vidros, cristais e espelhos e mais 70 mil trabalhadores de diversas categorias profissionais desenvolvem franca luta pela revisão salarial.

O Pacto Intersindical de São Paulo prepara assembléias conjuntas de todas as categorias profissionais a fim de unificar a luta pelo aumento de salário e revisão do salário mínimo.

No Distrito Federal não é menor a movimentação dos trabalhadores. 70 mil funcionários municipais aguardam aumento e classificação que vêm sendo protelados pela Câmara de Vereadores. Os trabalhadores da indústria do

Acontecimentos da Vida SINDICAL

- Os aeronautas preparam-se para uma campanha de aumento de salários, organizando uma estatística dos níveis salariais em vigor e da elevação do custo da vida nos últimos 12 meses.
- Os comerciários do Distrito Federal defendem que o novo salário mínimo para essa região deve ser de 6 mil cruzeiros.
- O Ministro do Trabalho determinou a recondução do sr. Valdemar Rodrigues da Silva ao cargo de presidente da CAPFESP do qual fora afastado em virtude de nomeações havidas para aquela Caixa, e que violavam o decreto n.º 43.717. A sua reintegração deveu-se ao fato de o delegado regional Henrique Peixoto ter reconhecido a sua responsabilidade pessoal pelas referidas nomeações. O delegado foi, por sua vez, exonerado, com o que, consta, não estão concordando os Sindicatos que o indicaram para o cargo.
- A assembléia dos acionistas da VASP deliberou conceder abono de 1.500 cruzeiros aos seus empregados, em obediência à lei estadual que dispõe a respeito.
- Em virtude do acordo firmado entre os dirigentes do Sindicato dos Condutores de Veículos Rodoviários e Aneiros de São Paulo, e do Sindicato das Empresas de Transportes de Passageiros do Estado de São Paulo, o salário dos motoristas e cobradores e trabalhadores em oficinas de empresas particulares de ônibus da capital paulista serão equiparados aos dos empregados da C.M.T.C. As diferenças salariais serão pagas desde 1º de setembro último.
- Reina descontentamento entre os trabalhadores da CMTO, de São Paulo, por não estarem sendo pagos os atrasados referentes ao aumento de 1.300 cruzeiros conquistado há tempos, corte de horas extras e não entrega do selo de contribuição do IAPTEC, apesar de estar sendo realizado o desconto respectivo.
- O Pacto Intersindical de São Paulo promove assembléias intersindical com a participação de todas as categorias integradas na luta por aumento de salários, a fim de unidas lutarem ao mesmo tempo pela revisão do salário mínimo e contra a carestia.

DEMOCRATIZAÇÃO E FORTALECIMENTO DAS ENTIDADES SINDICAIS

Resoluções da II Convenção dos Trabalhadores do Distrito Federal

São as seguintes as resoluções da II Convenção dos Trabalhadores do Distrito Federal, sobre o item «Liberdade e situação das organizações sindicais»:

1 — ORGANIZAÇÃO SINDICAL NOS LOCAIS DE TRABALHO

Considerando que é fundamental para a eficiência dos organismos sindicais de primeiro grau estarem representados diretamente nos locais de trabalho, onde, com a sua oficialização, os trabalhadores estarão melhor aparelhados para fiscalizar a execução das leis sociais e trabalhistas, e que esses organismos sindicais nos locais de trabalho ampliarão o âmbito das atividades das organizações operárias, a Convenção recomendou:

a) que os Sindicatos criem representação no local de trabalho, com o principal objetivo de fiscalizar a execução das leis e auxiliá-los na realização das tarefas sindicais; b) que essas organizações se incumbam também de fiscalizar as condições de higiene e segurança nos locais de trabalho; c) incluir nos Estatutos a serem modificados a representação sindical nas empresas; d) reclamar a inclusão, nos projetos de leis em curso, de representação sindical em todos os locais de trabalho; e) solicitar no MTIC que baixe instruções para a oficialização do funcionamento desses órgãos sindicais, cabendo a cada sindicato a organização dessas representações.

2 — Modificações dos Estatutos

Considerando que os atuais Estatutos estão completamente superados, contrários às normas democráticas que devem reger os organismos sindicais; que até agora o art. 159 da Constituição ainda não está regulamentado, que a Portaria n. 126, de 28-6-58, publicada no «Diário Oficial» de 17-7-1958, do MTIC, possibilita, em grande parte, a modificação dos atuais Estatutos pode proceder à codificação de leis democráticas e assecuratórias da liberdade sindical: a) que todos os sindicatos e federações procedam à revisão de seus Estatutos, introduzindo-lhes as conquistas democráticas já efetivadas que ampliam os direitos dos associados e dão às entidades sindicais a autonomia tão reclamada; b) que dentro das instruções da Portaria 126 do MTIC e outras prerrogativas, essas modificações sejam feitas por convocação das diretorias ou dos associados dos sindicatos e federações.

3 — Eleições Sindicais

Considerando que um dos mais importantes aspectos da vida sindical são suas eleições livres e democráticas; que nos atuais Estatutos, como na lei vigente n. 2.693 que regula a matéria, se estabelece «quorum» para 1º, 2º e 3º escrutínio, e que já se conquistou o direito de eleger os diretores sindicais sem o atestado de ideologia:

a) que nos Estatutos e normas sindicais sejam estabelecidos os métodos eleitorais, «quorum» e época, de acordo com as condições de cada categoria profissional.

4 — Aumento dos Efeitos Sindicais

Considerando que os efeitos das organizações sindicais não correspondem à evolução e amplitude das lutas sindicais; que para pôr em prática as resoluções oriundas de congressos, conferências, convenções e das lutas que surgem diariamente, são necessárias organizações fortes e

respeitadas, que na maioria das eleições sindicais verifica-se um «quorum» baixo, em relação ao número de trabalhadores da categoria profissional representada:

a) que os Sindicatos realizem uma campanha de sindicalização permanente, valendo-se das representações sindicais nos locais de trabalho e das campanhas salariais ou reivindicatórias desenvolvidas; b) que essa campanha seja feita paralelamente à democratização da vida dos sindicatos, facilitando-se na feitura dos novos Estatutos todos os meios para o ingresso de novos associados; que as Confederações e Federações auxiliem e patrocinem essa campanha de recrutamento permanente de novos sindicalizados.

5 — Vida Efetiva e Democrática das Federações e Confederações

Considerando que a amplitude do movimento sindical e a envergadura das lutas reivindicatórias dos trabalhadores exigem organismos sindicais de primeiro e segundo grau, forte e prestigiados pelos trabalhadores; que a unidade entre os trabalhadores de uma mesma categoria profissional, de várias categorias profissionais do mesmo grupo em âmbito estadual ou nacional, de todo o proletariado do país, necessita de federações ou confederações que tenham vida efetiva e ligada diretamente aos trabalhadores e que o atual sistema de criação, fundação e organização das federações e confederações não se baseia em congressos ou conferências, mas através de representantes sindicais:

a) que se estabeleça, como norma, a efetivação em congressos e conferências, a criação das Federações e Confederações e a reestruturação das mesmas; b) que suas direções prestem contas de suas atuações diretamente aos sindicatos e federações; c) que na reforma das leis em andamento seja sempre observada a maior participa-

ção dos trabalhadores na formação e controle de seus organismos.

6 — Direitos e Imunidades Para os Diretores de Organizações Sindicais

Considerando ser necessário assegurar plenamente os direitos dos que ocupam cargos e responsabilidades nos organismos sindicais e que os encargos e responsabilidades dos diretores de entidades que congregam funcionários públicos ou autárquicos, municipais ou federais, sejam os mesmos inerentes às direções sindicais:

a) elaborar uma lei, ou incluir emenda num dos projetos em curso, garantindo aos diretores de sindicatos e delegados sindicais, a sua permanência no emprego, respeito à execução das suas funções, etc.; b) que todo associado sindical eleito para cargos de diretoria ou convocado pelo seu órgão de classe a fim de exercer mandato ou função sindical, tenha o tempo nisso despendido computado como de serviço efetivo para todos os efeitos previstos em lei; c) que os diretores de entidades representativas de funcionários públicos ou autárquicos, municipais, estaduais ou federais, sejam de caráter reivindicativo ou de simples assistência social, gozarão, desde que assim o julgue necessário a entidade, da dispensa de suas funções, sem prejuízo do salário, de suas classificações na tabela de promoções e garantia de suas funções quanto deixarem o mandato.

7 — Fundo Social Sindical

Considerando que já é opinião unânime dos trabalhadores a extinção do Fundo Social Sindical; que a entrega e administração do total do Imposto Sindical às organizações sindicais é um ato concreto de liberdade de ação do movimento sindical:

a) intensificar a ação sindical para a rápida extinção do Fundo Social Sindical, visando a aprovação do projeto de lei que o extingue, ora no Parlamento.

8 — Unidade de Ação Sindical Regional

Considerando que a prática do Conselho Regional Consultivo da CNTI tem unificado a ação dos organismos

sindicais dos industriários; que outros organismos, confederações e federações estão propensos a organizá-los com os membros objetivos; que é necessário unificar a ação desses Conselhos Regionais; que as resoluções da II Convenção precisam ser levadas à prática e para isso é necessária também uma direção unificada do movimento sindical:

a) apelar para as Confederações e Federações que ainda não tenham Conselhos Regionais formados, para que os organizem; b) que, em conjunto com o já atuante Conselho Regional Consultivo da CNTI, seja criado o Conselho Superior Regional dos Organismos Sindicais das entidades sediadas e de atuação no Rio de Janeiro.

9 — Unidade e Reforçamento Sindicais

Considerando que nos últimos anos tem aumentado a unidade entre os trabalhadores e o movimento sindical; que essa unidade tem sido possível devido à compreensão mútua reinante entre todos os trabalhadores e o movimento sindical; que a unidade tem sido um poderoso fator de liberdade sindical e que o Sindicato dos Trabalhadores na Indústria da Construção Civil e de Ladrilhos Hidráulicos e Produtos de Cimento do Rio de Janeiro reclama a integral liberdade sindical, por que é com ela que os trabalhadores fortalecem a sua consciência:

a) que a II Convenção dos Trabalhadores do Distrito Federal, em nome de todos os convencionais, se dirija ao Sindicato dos Trabalhadores na Indústria da Construção Civil e de Ladrilhos Hidráulicos e Produtos de Cimento do Rio de Janeiro, solicitando-lhe que anistie a inúmeros trabalhadores desse ramo da indústria suspensos de seus direitos, para que possam reingressar no Sindicato, a fim de fortalecê-lo;

b) que as federações e confederações anistiem ou façam acordos com suas filiadas que, por qualquer motivo, estejam desligadas temporária ou definitivamente.



BOICOTE DAS PROVAS ELEIÇÕES NA ARGÉLIA

O Comitê Central do Partido Comunista da Argélia, em sua reunião de 4 de outubro, aprovou uma declaração, divulgada pela imprensa parisiense. A declaração diz que, em sua recente visita à cidade de Constantine, de Gaulle na prática repeliu a idéia de conversações com o governo livre argelino e exigiu, nem mais nem menos, do que a capitulação do exército de libertação nacional da Argélia; enquanto permaneciam em território argelino as tropas do exército de ocupação francês.

«O discurso do chefe do governo francês em Constantine — diz a declaração do PC da Argélia — demonstra uma vez mais que os direitos e os anseios de nosso povo são novamente sacrificados aos privilégios de uma minoria de europeus».

O CC do PC da Argélia dirige-se a toda a população do país conclamando-a a boicotar as próximas eleições. A direção do partido exorta os argelinos a resistirem ao inimigo por todas as formas, apoiar por todos os meios o glorioso exército de libertação nacional argelino; coesionarem-se em torno do governo da República da Argélia.

COM A AREIA DO PASSADO...

(CONCLUSÃO DA PAG. 9) tudo isso, enfim, que nas lojas especializadas de Copacabana custam fortunas, e que aqui pode ser comprada a partir de 2 yuans. E, como compram os estrangeiros! As perolas que compram, verdadeiras maravilhas, perolas naturais, e não as japonesas cultivadas, de raros tons, desde o branco até ao cinza-azul, raríssimas e preciosas!

E, que dizer dos Palácios Imperiais — o de Inverno e o de Verão — dos templos, pagódes e tumbas dos imperadores de todas as dinastias que tiveram em Pequim sua capital! Fabulosas riquezas estão acumuladas nesses monumentos que perpetuam uma civilização quatro vezes milenar, conservados e restaurados pelo governo popular para que o povo chinês sinta o criador orgulho de ser um grande povo desde tempos imemoriais, como também a certeza de que é capaz de construir a nova e grandiosa civilização socialista.

Tudo isso reunido é que faz de Pequim uma capital única no mundo.

Para o estrangeiro que chega a Pequim, para daí iniciar uma visita pela China, duas coisas são imediatamente necessárias se quiser evitar o risco das impressões e julgamentos falsos: ter sempre como termo de comparação a própria China de antes da vitória da revolução popular, e que não é possível estabelecer nenhuma paridade entre o valor da sua moeda com o valor das nossas moedas — o cruzeiro, o dólar, a libra, o franco, etc. Para um brasileiro um dólar, que para nós vale de 130 cruzeiros para cima, é trocado na China por 2,40. Em relação às outras moedas dos países capitalistas a coisa é mais ou menos a mesma. Acontece, porém, que um chinês compra mais coisas úteis e necessárias com um yuan que nós com um dólar trocado nos nossos aviltados cruzeiros. Assim, por exemplo, 1 par de sandálias de couro do tipo mais usado em qualquer grande cidade da China, custa de 14 a 16 yuans, o que para um chinês

de salário médio está dentro de suas possibilidades. É a mesma sandália, em termos de cruzeiros custaria o absurdo de quase mil.

Há em Pequim coisas curiosas, imediatamente notadas pelo estrangeiro: a limpeza absolutamente perfeita de toda a cidade, dos hotéis, restaurantes, das lojas, etc., limpeza que atinge as ruas de mania. Há anualmente competições sanitárias em todas as cidades da China. Assistimos a uma delas em Pequim. Durante vários dias antes do início dos trabalhos das comissões julgadoras todo o povo esteve mobilizado na limpeza e no polimento da cidade inteira: ruas, hotéis, lojas, escolas, residências, tudo foi vasculhado, lavado, rematado, vitrinas todas feitas de novo, jardins replantados, árvores podadas, veículos postos como novos, tudo enfeitado e embelezado. Era de ver as crianças e as velhas avós, e as que ainda têm os pés incruentados por aqueles malfadados instrumentos de beleza do passado, ajudando a lavar as calçadas e a pintar as fachadas e enfeitá-las com as faixas e bandeirinhas de papel com dizeres alusivos à competição. Pequim é uma cidade onde não se sente em parte alguma o mais leve mau cheiro. Curiosa a falta completa de policiamento: com exceção dos inspetores de trânsito, rodando em suas bicicletas ou avião e fechando as ruas de trânsito sobre uma pequena plataforma circular nos cruzamentos mais movimentados, não se vê um policial. Curiosa ainda a quase completa ausência de ruído, mesmo nas horas mais movimentadas, e curioso o hábito de tomar chá ou água quente o dia inteiro, mesmo quando o termômetro está marcando quase 40°.

Curiosa a ausência total de moscas, de pardais, cães e gatos. Mas, esta é outra história, e uma das que melhor explica a China de hoje e os métodos, extraordinariamente sábios e realistas que permitem a aplicação do marxismo-leninismo e à construção do socialismo.

A venda em todas as livrarias

«O Levante do Gueto de Varsóvia»

O livro que reconstitui toda a história da resistência heroica do Gueto às hordas invasoras nazistas.

Autoria do professor BERNARD MARK, diretor do Instituto de História Judaica de Varsóvia, o maior centro de estudos judaicos da Europa.

Traduzido do alemão por Guttorm Hanssen, revisado por Alex Viány e ilustrado com fotos documentárias.

A capa reproduz em 4 cores o projeto de painel do pintor Carlos Scliar para o Instituto Cultural Israelita-Brasileiro de São Paulo.

Este é o novo lançamento da

EDITORIAL VITÓRIA LTDA.

Rua Juan Pablo Duarte, 50 - Sob. - Tel.: 22-1613 RIO DE JANEIRO - DF.

A BATALHA DA DIFUSÃO

NOVAS AGENCIAS: Florianópolis, Itajaí, Joinville, Laguna, Jacoba, Criciúma e Laguna.

AGÊNCIAS REDUZIDAS: Salvador menos 10%, Juiz de Fora menos 50% e Cornélio Procópio menos 20%.

AGÊNCIAS RESTABELECIDAS: Jequitinhonha e Itapetininga (JCV) e Lupianópolis.

AGENCIA SUSPensa: Indaiatuba. NOVO ASSINANTE: Ransbaria - SP. (1).

PAGAMENTOS de 16/10 a 2/10/58:

S.J. Rio Preto	Cr\$ 1.200,00
Jaú	1.160,00
Poços de Caldas	500,00
Campo Grande	550,00
Rancharia	1.300,00
Maricá	250,00
Botucatu	500,00
Lupianópolis	100,00
Recife	8.000,00
Macaé (WT)	1.001,00
Recife (JFS)	1.080,00
Cornélio Procópio	197,50
Monte Carmelo	10,00

Ajuda a VOZ OPERÁRIA

Amigos de Curitiba enviaram-nos como ajuda ao nosso jornal, a importância de Cr\$ 400,00. Agradecemos. Agradecemos também ao pessoal das oficinas de Triagem, que nos mandaram, como ajuda, a importância de Cr\$ 875,00.

GOVERNO E PATRÕES ALIAM-SE Para Sabotar o Novo Salário Mínimo

É A INTENSIFICAÇÃO DAS LUTAS DOS TRABALHADORES PODE IMPEDIR QUE CONTINUEM AS MANOBRAS PROTELATÓRIAS — NADA DE CONCRETO FOI DECIDIDO NA ÚLTIMA REUNIÃO DA COMISSÃO DE SALÁRIO MÍNIMO

Os resultados da reunião da Comissão do Salário Mínimo do Distrito Federal, realizada no último dia 30, mostram aos trabalhadores que é indispensável e urgente a intensificação de sua luta para que essa reivindicação não continue a ser protelada como tem sido até aqui. A reunião veio confirmar que os empregadores, através de seus representantes na CSM, estão dispostos a insistir em todos os recursos para impedir que seja aprovada a excepcionalidade e, assim, revistas as tabelas ainda deste ano. A tática utilizada consiste em levantar sempre novas questões e dificultar o andamento dos trabalhos da Comissão. A votação da excepcionalidade foi adiada para a próxima reunião, segunda-feira.

MANOBRAS PROTELATÓRIAS

A tática de ganhar tempo, posta em prática pelos patrões, foi usada na última reunião pelo vogal dos empregadores Jorge Luiz da Silva, da indústria de lavanderia, uma das que pior pagam a seus empregados. Declarando que havia enviado um questionário a ser respondido

pelo Conselho Nacional de Economia, pretendia o representante dos patrões que a Comissão só poderia se decidir quanto à excepcionalidade depois de ter em mãos a resposta do CNE. Os quesitos formulados ao Conselho Nacional de Economia são os seguintes: a) — se as modi-

ficações de salário mínimo serão à base da produtividade; b) — se a elevação do salário mínimo implica na elevação do custo de vida e da queda da mão de obra; c) — se essa elevação também incide na percepção dos benefícios dados pelas instituições de previdência social; d) — se elevados os salários mínimos não se deve modificar todos os demais salários; e) — se implica também na elevação dos preços das obras públicas e; f) — se é necessário a elevação do salário mínimo.

Como se conclui desse questionário, o que pretendem os empregadores é desviar a Comissão para o debate de assuntos alheios à sua finalidade e, dessa maneira, retardar indefinidamente a decisão quanto à urgência da excepcionalidade.

O C. N. E. NÃO TEM COMPETÊNCIA

O presidente da Comissão do Salário Mínimo, sr. Waldiki Moura, replicou, entretanto, ao vogal dos empregadores, declarando que o Conselho Nacional de Economia nada tinha a ver com a fixação do salário mínimo, não

sendo obrigatório, portanto, levar-se em conta os dados fornecidos pelo C.N.E. É o SEPT, afirmou e sr. Waldiki Moura, o único organismo competente para fornecer os elementos necessários à Comissão de Salário Mínimo.

FALSO O GRÁFICO DOS EMPREGADORES

O presidente da CSM mostrou, ainda, que o gráfico apresentado na reunião anterior pelo vogal dos empregadores, sr. Graça Couto, em que se tentava demonstrar haver um equilíbrio entre o salário mínimo e o custo de vida, não tinha nenhuma procedência. Esse alegado equilíbrio, afirmou o sr. Waldiki Moura, não existe, foi supe-

rado. Tomando-se como ponto de partida o índice 100 para 1948, evoluiu assim a curva de elevação do custo de vida: 1949 — 111; 1950 — 120; 1951 — 146; 1952 — 179; 1953 — 203; 1954 — 248; 1955 — 299; 1956 — 387; 1957 — 431; 1958 — 506. Trata-se de dados fornecidos por uma instituição semioficial, a Fundação Getúlio Vargas.

O GOVERNO E O FUNCIONALISMO

A tática protelatória dos empregadores encontra um estímulo da atitude anunciada pelo governo federal em face da reivindicação do funcionalismo, de reclassificação com aumento. Declarou o governo que o aumento ao funcionalismo, numa base de 30% dos seus vencimentos, será concedido a partir de julho de 1959. Ora, esse adiantamento da elevação de vencimentos pretendido pelo Cate-

te, já em julho do próximo ano seria muito mais ridículo do que hoje, constitui um argumento favorável aos patrões. A data pretendida pelo governo — julho de 1959 — coincide na prática com o prazo de expiração das atuais tabelas de salário mínimo. Como se vê, governo e empregadores se aliam na tentativa de impedir a aprovação da excepcionalidade exigida pelos trabalhadores.

LUTAS DE MASSAS

Está perfeitamente claro que sem uma mobilização dos trabalhadores, tanto no Distrito Federal como nos Estados, as Comissões de Salário Mínimo, apesar da combatividade dos vogais dos empregados, não darão um passo adiante. A lei que regula o funcionamento dessas Comissões permite a chicana dos empregadores, uma vez que as suas decisões só podem ser adotadas havendo 3/4 de votos favoráveis. Para que se-

ja aprovada a excepcionalidade é preciso, pois, que três empregadores, no mínimo, votem a seu favor. Acontece que os vogais dos patrões são 5 e se repetem sempre da parte de alguns deles, as manobras protelatórias que vimos denunciando.

A responsabilidade do movimento sindical é enorme, nesse terreno. Cabe às federações dar a sua palavra em face de problema tão importante. Os sindicatos, por sua vez, não podem ficar à espera de decisões da CSM. Os fatos estão mostrando que só uma intensa campanha de massas poderá levar o governo e os empregadores a recuar de sua intolerância e, ser assim, aceita a excepcionalidade para a revisão imediata dos níveis de salário mínimo.

VOZ OPERÁRIA

DIRETOR
Mário Alves
MATRIZ

Redação:
Av. Rio Branco, 257, 17º and. s/ 1.712 — Tel: 42-7344
Administração e gerência:
Av. Rio Branco, 257, 9º andar, sala 905
ASSINATURAS
Núm. avulso 3,00
Anual 150,00
Semestral 80,00
Trimestral 60,00
Aérea ou sob registro, despesas à parte: Núm. atrasado .. 5,00
SUCURSAL
PORTO ALEGRE — Rua Voluntários da Pátria nº 66, s/ 43.

CARNE 0,70		CARNE 50,00	
74,00	MANTEIGA	150,00	MANTEIGA
4,50	LEITE	11,50	LEITE
4,80	FEIJÃO	18,00	FEIJÃO
48,00	CAFÉ	66,00	CAFÉ
13,00	ARROZ	22,00	ARROZ
4,00	BATATAS	12,00	BATATAS
OVOS	28,00	48,00	OVOS
1956 - SALÁRIO M. 3800		1958 - SAL. 3800	

SÓ NÃO HÁ PROTELÇÃO PARA OS AUMENTOS DOS PREÇOS

Enquanto as Comissões de Salário Mínimo vão adiante, a cada semana, as suas decisões em relação ao salário mínimo, o custo de vida continua a elevar-se diariamente. Segundo revelou, recentemente, na Câmara, o deputado Sérgio Magalhães, com base em dados da revista "Conjuntura Econômica", e como informou o "Correio da Manhã" em sua edição de 17 do corrente, o aumento do custo de vida, de 1956 a agosto do ano em curso, atinge a 45 por cento. Nas últimas semanas, entretanto, em consequência inclusive de uma série de medidas antinacionais adotadas pelo ministro Lucas Lopes, deram-se novos aumentos: a carne sofreu, em média, um aumento de 10 cruzeiros em quilo, enquanto um quilo de pão passava a custar mais 7 cruzeiros. Muitos outros gêneros foram igualmente aumentados, além de outras majorações estarem sendo esperadas para os próximos dias.

Tão rapidamente se eleva a curva ascendente dos preços que os números mencionados pelo sr. Sérgio Magalhães são já superados. São os próprios serviços oficiais que o reconhecem. Falando ao "Correio da Manhã", quarta-feira passada, o sr. Nireu Cruz César, diretor do Serviço de Estatística da Previdência e Trabalho, afirmou textualmente:

«A variação percentual do índice de preços ao consumidor, no Distrito Federal, no período de janeiro de 1956 a setembro de 1958, foi de 83,97%».

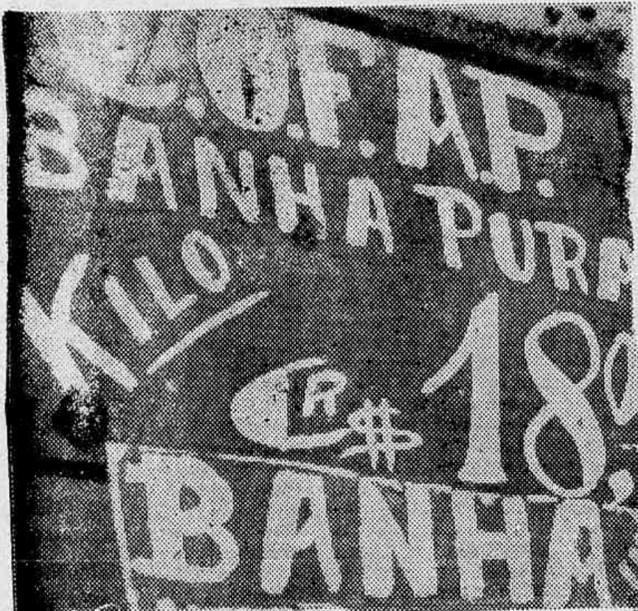
E' sobre os trabalhadores que se abatem os efeitos nocivos dos atos do governo. E os trabalhadores não podem ficar à mercê de protelações como as que vêm sendo realizadas para impedir a decretação imediata dos novos níveis de salário mínimo.

Trumam versus Eisenhower

Em face das próximas eleições ao Congresso dos Estados Unidos, Eisenhower e Trumam se agredem mutuamente em violentos discursos. Ambos acusam os respectivos partidos da corrupção (em que certamente ambos têm razão).

Em réplica à última investida de Eisenhower, Trumam afirmou:

«O povo americano foi enganado pelos republicanos. Nunca um partido político fez tantas promessas para cumprir tão pouco como os republicanos em seus seis anos de governo». E enumerou os males do governo Eisenhower-Dulles: «aumento do desemprego; o custo de vida mais elevado da história; déficit de 12 bilhões de dólares no orçamento nacional; queda de 20 bilhões de dólares nas rendas dos lavradores; aumento de 100% nas falências das pequenas empresas; perda da posição mundial dos Estados Unidos». Disse Trumam que somente na Pensilvânia existem 400 mil pessoas sem trabalho.



A banha é um dos gêneros de primeira necessidade cujo preço tem subido rapidamente nesses últimos anos. Hoje ela está sendo vendida a cr.\$ 56,00 o quilo, e de péssima qualidade

LIBERDADE PARA FORTUNY! AMEAÇADO DE PROCESSO O PATRIOTA GUATEMALTECO



Continua de Freitas, uma onda de perseguições terroristas se estendeu por todo o país. Fortuny foi obrigado a deixar sua pátria e tomar o caminho do exílio. Desde 1954 vive como refugiado político, em vários países.

A polícia pretendia apressar Fortuny como o articulador de uma fantástica rede de conspiradores comunistas, que se estenderia por vários países. Em tom sensacionalista, o coronel Danilo andou recitando nos jornais as mais odiosas calúnias anticomunistas. Mas nenhuma prova apresentou das suas acusações.

Prestando declarações à imprensa, o próprio Fortuny esclareceu as razões de sua presença no Brasil. Seu objetivo era unicamente conseguir um visto na embaixada da Venezuela e dirigir-se àquele país, onde tentava permanecer como exilado político.

PROTESTO DA OPINIÃO DEMOCRÁTICA

A prisão de Fortuny pela polícia política e a ameaça de processo que sobre ele pesa são atentados antidemocráticos, que repugnam à consciência livre do povo brasileiro. Exilado por ser um verdadeiro patriota e combatente antiliberalista, Fortuny merece a solidariedade de todos os brasileiros, que lutam igualmente pela libertação de nosso país da exploração dos trusts.

A opinião democrática do Brasil exige do governo a imediata libertação de José Manoel Fortuny. É um crime inominável e uma vergonha para o nosso país o ato ilegal das autoridades policiais, que mantêm preso o patriota guatemalteco e tratam de forjar contra ele um processo-farsa.

ta do presidente Jacobo Arbenz. Como líder político e parlamentar, dirigente do Partido do Trabalho, participou ativamente das reformas de sentido antiliberalista e popular promovidas pelo governo Arbenz, tornando-se, por isso, alvo do ódio das forças reacionárias, que conspiravam para derrubar o governo constitucional e implantar uma ditadura a serviço dos monopólios americanos.

EXILADO POLÍTICO

Após a invasão da Guatemala pelas tropas mercenárias do Castiço Armas títere da «United